

SERTÃO DE DENTRO
EPISÓDIO 11 – MINHA CASA
TRANSCRIÇÕES DE ENTREVISTAS

DATA: 26.04.2017

GUILHERME BOULOS

CONDOMÍNIO SÃO MIGUEL

ENTR. DALCIDES NETO (PASTORAL DA MORADIA)

SÃO PAULO

(entrevistado fala sobre o limite do tempo para gravação e conversam sobre condução da entrevista.)

(Geraldo) A questão da moradia em SP é típica das cidades brasileiras ou tem alguma especificidade?

(Boulos) Eu acho que ela é típica (interrompe para tirar uma dúvida com Geraldo).

(Boulos) A questão da moradia em São Paulo talvez seja um exemplo de como ela se dá nas grandes cidades, metrópoles brasileiras e até latino americanas. Que é um modelo de cidade muito segregado, separado nitidamente, centro e periferia, duas cidades em uma. No centro, a cidade formal, dos negócios, onde há serviços públicos e equipamentos culturais, equipamentos de lazer, onde tem tudo, onde funciona. e na periferia a cidade informal, ilegal, irregular, onde o estado se apresentam muitas vezes se apresenta só na viatura da polícia e não pra dar segurança, mas pra fazer contenção social, repressão e levar violência, muitas vezes as comunidades. esse modelo de cidade bem dividido ele é característica de uma lógica baseada na especulação imobiliária, desigualdade social e que em SP talvez encontre um exemplo quase puro, mas tem alguns outros cidades que não, que isso é mais híbrido.

(Boulos) No Rio de Janeiro vc tá na zona sul e você vê um favelão. Em SP você tem casos muito isolados como Paraisópolis, que é uma favela encrustada no meio do Morumbi, porque a maioria das favelas eles conseguiram tirar, com despejo ou com fogo, muitas vezes. O drama da moradia em São Paulo e das grandes cidades brasileiras está relacionado a um movimento contínuo da especulação imobiliária, que joga sempre as pessoas pra mais longe. Funciona mais ou menos assim, você tem ali o valor da terra na cidade, o mercado imobiliário, quando o setor da construção civil, das incorporadoras, as grandes imobiliárias que também são os grandes proprietários de terra tão com muita grana, empoderados e começam a investir e usar os seus terrenos para fazer obra, isso alimenta a especulação, ou seja, isso aumenta o valor da terra. Com o aumento do valor da terra, que poderia a princípio parecer uma coisa boa, valorizou a cidade. Não valorizou a cidade, porque a valorização excluiu quem não pode pagar por ela.

(Boulos) O que a gente vê muitas vezes, até uma obra pública, o metro chega na periferia, mas a periferia foge do metro porque o cara que pagava aluguel ali onde chegou o metrô, vai pra 10 km de distancia de novo porque o preço vai inflacionar. Vai comprar coxinha na esquina, era dois reais, passou pra oito. O custo de vida aumenta, o valor do aluguel aumenta e nessa dinâmica vai jogando sempre os mais pobres pra mais longe e formando novas periferias. Esse aumento do valor do aluguel também cria a cada dia, novos sem-tetos. A gente vê muitos despejos de comunidade que são um drama social no Brasil, pessoas que tão morando num lugar, de repente chega uma máquina e passa por cima de cem casas e joga as pessoas na rua, é uma drama cotidiano nas cidades brasileiras.

Mas também tem um outro drama mais silencioso que é o drama do despejo individual, o cara da família que não conseguiu mais pagar aluguel, que tá devendo 3 meses porque o aluguel subiu e o salário ficou igual ou o cara ficou desempregado e vai sendo expulso.

(Geraldo) e nesse quadro, o migrante, o cara que chega, que vem pela primeira vez?

(Boulos) Acho que o migrante é especialmente vulnerável a essa lógica de cidade porque ele chega desenraizado e tentando se colocarem algum lugar, não conhece ainda as artimanhas da convivência metropolitana, urbana. Ou é jogado num cortiço na região central que é mais perto do seu local de trabalho, em condições normalmente muito precárias, na maioria dos casos nem isso consegue pagar então é jogado para um barraco, no fundão de uma periferia e de uma maneira traumática cai numa realidade que no campo, no sertão ou mesmo em cidades pequenas e médias é absolutamente impensável.

Você imagina o cara demorar duas horas para ir pro serviço dentro de um ônibus e ter que incorporar e naturalizar isso na sua rotina porque ele vai morar lá no fundão da M Boi Mirim ou ele vai morar no fundão de Guaianases, da Brasilândia, do Grajaú. Pra ele ir pro centro da cidade é uma 01h30, 02h00 do horário de pico e depois o mesmo tempo pra voltar. Ele já teve de sopetão, tomado quatro horas do seu dia num transporte público super lotado pra voltar pra um buraco onde ele se colocou, com uma jornada de trabalho muitas vezes extenuante, com cada vez menos direitos trabalhistas, cada vez menos segurança, ou seja, cada vez mais se desfaz o mito de que essas grandes cidades podem ser de algum modo acolhedoras pra um migrante.

(Boulos) eu acho que nunca foram na verdade, mas se a gente olhasse um patamar de vida anterior no sertão de muita fome, seca, bom. Aqui, mesmo com esse modo de vida, a pessoa pode ter o que botar na mesa.

(Geraldo) era uma saída possível, embora muito precária era uma maneira de sobrevivência.

(Boulos) Claro uma estratégia de sobrevivência do povo, legítima e necessária. Agora, como diz os Racionais, aqui é sobreviver no inferno. Essa cidade, principalmente pra quem veio... Porque vê só, tem uma outra coisa que acho que é importante tratar quando a gente pensa o choque do migrante vindo para uma cidade como SP na sua moradia. Acho que o tema do enraizamento e na vida comunitária pesa muito. Porque a família, a mulher, o homem que tá no sertão ou que tá numa cidade pequena, uma vila, ele ainda tem aquela coisa de uma ajuda mútua, de uma solidariedade, de bater na porta pra pedir um arroz, um sal. Uma dinâmica comunitária que além da questão material tem uma questão subjetiva, que é um grupo, a fogueira na praça, é o coreto, tem alguém com quem conversar.

(Geraldo) A linguagem, a fala, a convivência...

(Boulos) O grupo social, ser reconhecido como alguém, ter o seu lugar, ter o seu espaço. Aqui isso se perde, aqui ele vira invisível, sozinho no meio da multidão, atirado num ambiente estranho, hostil muitas vezes e desenraizado dessa lógica comunitária. E nisso tem uma coisa interessante, que a gente percebe muito nas ocupações do MST, quando com o migrantes e não só. Porque as ocupações de algum modo permitem de novo o enraizamento. A ocupação tem

a fogueira, a cozinha coletiva, tem os vínculos de solidariedade, tem o espaço da conversa que se perdeu, o espaço de reconhecimento mútuo, tem uma vida comunitária. que não tem fora dela e que talvez...

(Boulos) sabe o que eu vi? tem uma história imprópria pra menores, mas eu tava numa ocupação quando eu entrei o MTST em 2002 eu fui morar numa ocupação em Osasco e tinha essa coisa da fogueira da noite. E dois migrantes, uma paraibana e um pernambucano tinham dito uma rixa 30 anos atrás porque cada um era dono de um bordel e tinha uma prática de que eles atacavam o bordel do outro para disputar as mulheres. Uma concorrência...E eram jurados de morte, um pelo outro e os dois estavam nessa mesma ocupação em Osasco e não tinha se reconhecido. E de repente, na fogueira à noite cada um contando sua história, o pernambucano começou a contar sua história e eu fui vendo essa companheira mudando a feição, ela tava do meu lado na roda.

De repente ele falou, porque eu tinha uma casa noturna, ela apontou pra ele e falou: Bonis Drink, que era o nome da casa dele. Ele de preto ficou branco e começou uma situação, depois se entenderam, viraram amigos, a ameaça ficou pra trás Mas veja que coisa, é o reencontro e o enraizamento. Se eles fossem vizinhos num bairro qualquer e morassem na mesma, eles nunca iam se redescobrir. Foi a fogueira e o enraizamento comunitário que permitiu que eles retomassem a sua identidade um do outro.

(Geraldo) E restabeleceu uma situação perdida lá atrás o que reproduziu aquele convívio que havia antes..Se encontraram em um espaço que permitiu recuperar o passado.

(Boulos) E aquela briga já não fazia mais sentido, mas a história é muito simbólica disso. a história tem que tem alguma oportunidade para aparecer ou se reencontrar, né?

(Geraldo) E aí, essa luta, a organização, o que objetiva e quais são as dificuldades da luta organizada, da possibilidade de criar um novo espaço urbano, abrir brechas para que a situação se transforme, a história ande em uma direção mais humana, o que você pensa sobre isso?

(Boulos)) A luta por moradia é uma luta árdua. Primeiro, é quase que escandaloso, em pleno século 21, as pessoas precisarem ocupar para ter acesso ao direito à moradia. O direito absolutamente básico, elementar, que pra além de ser constitucional é um direito humano que pressupõe de qualquer sociedade que as pessoas tenham um teto para se abrigar, certo? O que as pessoas tenham que lutar e ocupar já é um escândalo. A coisa piora um pouco mais quando essa luta tão evidentemente legítima é desmoralizada e é criminalizada quando você vê o discurso de senso comum que a ocupação é coisa de vagabundo, de quem não quer trabalhar. Eu trabalhei pra ter o meu...Que é um discurso que desconsidera que ninguém ocupa porque quer, essas pessoas e qualquer outra não tem outra alternativa, ninguém vai levar seu filho pra pisar no barro porque acha legal, bonito, ficar num barraco de lona, sem saneamento, as pessoas ocupam porque não lhes foi assegurado o direito à moradia, as pessoas ocupam porque o estado falhou em garantir o básico. E não são poucas.

(Boulos) Nós temos hoje 6 milhões e 700 mil famílias sem teto no Brasil, isso dá mais de 20 milhões de pessoas, que não tem acesso a uma moradia. Que são desde de pessoas, se você perguntar, vai ver de onde elas vem, a maioria delas não estava em situação de rua porque esse é o mito que tem, que o sem-teto é aquele que está em situação de rua. Não necessariamente, diria que é uma minoria. São pessoas que tavam em aluguel sem poder mais pagar porque não consegue mais pagar, a beira de ser despejados. são pessoas que moram de favor em casa de parentes, isso com os migrantes é muito comum porque tem alguém que já migrou antes, da família, um conhecido. Então bota um comodozinho no fundo, um puxadinho.

(Geraldo) Divide o apartamento

(Boulos) Várias famílias morando na mesma casa, é isso, E a pessoa que tá numa área de risco, num barraco precário caindo, digamos que essa é situação de uma pessoa que vai pra uma ocupação. É uma luta muito legítima, mas que se coloca o argumento frio do mercado.

Essas pessoas tem que comprar a casa, como eu comprei. Que é um argumento que parte da ideia de que a moradia não é um direito., é uma mercadoria. Que a moradia precisa ser negociada no mercado. O direito não se compra, e mais do que isso, dessas seis milhões de família que eu mencionei que é o déficit habitacional brasileiro, 84% ganham menos de 3 salários mínimos, que é um grupo social que não é sujeito de crédito no Brasil, se bater na porta do banco vai encontrar ela fechada. Não vai conseguir o crédito para comprar uma casa. Não é nem uma escolha: eu posso comprar ou posso ocupar, essa escolha não existe. As pessoas não podem comprar e não tem acesso mesmo trabalhando a vida toda, não é uma questão de ser ou não ser trabalhador. As pessoas trabalham a vida toda e não conseguem o suficiente pra ter uma casa.

(Boulos) Agora, a tática da mídia, ocupação incômoda, ele mexe num esquema muito lucrativo de muitos interesses, o setor imobiliário, o setor da construção é um setor poderosíssimo no Brasil, investe muita grana. Então, tocar nessa coisa sagrada da propriedade deles, questionar especulação imobiliária, ter pobre morando perto de um empreendimento desvaloriza, essa é a lógica do mercado. Precisa tirar, precisa varrer, joga pra algum lugar. E aí desmoraliza a ocupação. A linha é desmoralizar o movimento social, nós temos visto isso no Brasil e não só do movimento sem teto, nós temos visto isso como a estratégia de uma elite econômica, política midiática. Não é num primeiro momento já dar porrada no movimento, é claro que se precisar vão também, as velhas táticas continuam à disposição.

(Boulos) mas num primeiro momento você faz o jogo de desautorizar, um movimento quer privilégio, quer facilidade, quer ganhar em cima, corrupto. E nisso você vai minando o campo de apoio ao movimento social. E o movimento social que não é nada menos que o principal ator das conquistas democráticas de direitos sociais da nossa história, mas que é tratado como algo menor, algo mesquinho, que quer alguma coisa pra ser interesseiro, oportunista. E com isso você vai, criar um ambiente muito mais favorável inclusive pra reprimir se for preciso. Esse aí é bandido, quer facilidade...se é isso, pode linchar em praça pública, ninguém vai defender.

(Geraldo) É isso. Agora me diga uma coisa, que medidas práticas políticas possíveis pra enfrentar esse quadro? Em termos não apenas de organização, mas de uma possível linha política de atuação. O que você pensa disso?

(Boulos) primeiro, eu não confio que o Estado brasileiro vá segurar qualquer direito à maioria do povo sem que o povo os arranque. Jóse Martio, poeta cubano já dizia: direito não se pede, direito se conquista. Direito não se mendiga, direito se arranca. E a moradia ou qualquer outro direito só pode ser conquistado com muita luta social, muita pressão e tudo mais. Mas na luta o movimento também tem que apresentar propostas concretas. O problema da moradia no Brasil precisa de um conjunto de medidas em que não basta pensar apenas a casa, mas é preciso pensar a cidade. Você não pode ter uma política habitacional desvinculada de uma política urbana. Nós falamos há pouco, cidade é quase uma máquina de criar sem teto com a especulação imobiliária, se você não mexe nessa lógica e só sai construindo casa você só vai enxuga gelo porque sai construindo um monte de casa e a especulação imobiliária vai criando um monte de novo sem teto. Então, o problema, a solução pro problema não é só construir casa. Eu te diria antes de tudo, nós temos um grave problema de distribuição. Que é também reflexo da desigualdade social profunda no Brasil. Olha que dado incrível nós temos 6 milhões e 60 mil famílias sem casa e nós temos 7 milhões e 200 mil imóveis abandonados do país.

(Boulos) Você não precisava em tese construir nenhuma casa para resolver o problema da moradia, você tinha que ter uma política de desapropriação desses imóveis ociosos, inclusive você tem algum grau de legislação pra isso, mas que é, que não vai, que não é aplicada porque não interessa aplicar. De botar IPTU progressivo nesses imóveis ociosos. Tem a desapropriação sanção prevista no estatuto da cidade, que poderiam ser desapropriados por título da dívida pública. Depois de um certo tempo ser constatado que não cumpre função social. E acho que isso passa por um movimento duplo de combate à segregação urbana e também de solução do problema da moradia é duplo. Ele passa por levar a periferia pro centro, uma política que garanta o direito do pobre morar no centro das cidades.

(Boulos) boa parte desses imóveis ociosos estão nas regiões centrais e ficam abandonados por anos a fio. Só que pobre morar no centro é antítese da lei do mercado porque pobre perto do shopping que tá aqui. Tem um preconceito de casa grande, essa coisa, sabe, patrimonialista, essa coisa atrasada, rançosa da elite brasileira, da classe média urbana, uma parte dela também. Então, não vai. Tem toda uma pressão baseada em preconceito e lucratividade que afasta o pobre de morar no centro, então tem que enfrentar isso.

E tem que garantir o direito dos pobres morarem no centro.

(Boulos) porque isso também é mobilidade, por exemplo. Se os trabalhadores estão morando perto do local de trabalho, isso é a porta de solução do tema da mobilidade urbana porque o que agrava o problema de mobilidade e transporte público são os grandes deslocamentos diários. Se a pessoa pode trabalhar de bicicleta ou a pé, isso muda muita coisa. O ônibus fica menos cheio, é menos carro na rua, você tem um impacto de cidade quando você faz isso. Você tá perto de onde tem mais disponibilidade de serviço público, de equipamento cultural, de equipamento de lazer, escolas, hospital, creche.

(Boulos) esse é um movimento, a periferia vindo pro centro. Mas isso tem que vir junto com um segundo movimento que é o centro vindo pra periferia. Que é você levar essas qualidades urbanas do centro pra periferia, porque a periferia não vai deixar de existir. Mas ela deixa de ser periférica desde esse ponto de vista imposto pelo sistema, porque a periferia não é geográfica, é social acima de tudo. Todos esses aspectos. E aí você leva escola, hospital, serviços públicos decentes, equipamentos culturais. Você leva tudo, moradia pública, saneamento, transporte público decente, se você leva em um programa de investimento público pesado e combate a especulação imobiliária porque isso significa ter terra, não se faz política urbana sem terra. E terá seja por compra, sacanagem, hoje a terra está na mão do setor privado, e é preciso desapropriar a terra, sim.

(Boulos) poder público precisa ter terra pra ter a capacidade de fazer política urbana, recuperar essa capacidade. Eu acho que com esse duplo movimento nós dá uma imagem do que seria o direito à cidade, uma política de reforma urbana. Claro que tem muita coisa, além disso. Acho que o tema que a gente precisa levar em conta e também fica marginalizado no próprio debate público é a violência policial. O verdadeiro genocídio que as polícias praticam contra a juventude pobre, negra, nas periferias brasileiras. Isso é um massacre continuado, praticado pelo estado brasileiro contra seu povo. Se você tá na periferia, você já é suspeito. Se você for jovem negro já é condenado com sentença estabelecida. O nível de violência as polícias brasileiras é direcionada, violência seletiva porque esse mesmo policial que mata e executa na periferia é o mesmo que diz sim senhor pro garotinho do jardins ou de Higienópolis. Combater isso, enfrentar essa questão que afeta também muito diretamente os migrantes, preconceito contra nordestino é uma realidade e nós vimos isso nas últimas eleições presidenciais. Como isso se aflorou na parte da classe média paulista, em especial, esses nordestinos ignorantes que elegeram aquela mulher. Esses são temas cruciais também

(Geraldo) Que mais você acha que escapou que você poderia dizer, que nesse quadro a gente não abordou?

(Boulos) acho que também falar um pouco mais da luta do movimento, acho que faz a conexão.

(Geraldo) Como o movimento surgiu, como se organiza, o papel que ele tem? Eu descobri que tem uma dimensão muito curiosa, que é educativa, como movimento. Porque ele tá assumindo uma vanguarda num momento que as forças sociais estão fragilizadas, o movimento tem uma organização e visibilidade que tá educando. Hoje, tá se botando essa lei aí, um escândalo, tão passando a limpo mais de cem anos de luta do operariado brasileiro, tão passando o trator. Devia estar a população do país inteiro na rua. Os índios.

(Boulos) Eu to indo pra lá amanhã pro encontro deles e essa coisa da reforma trabalhista é um escândalo. A gente marcou a greve geral pra sexta e eles anteciparam a votação pra que a greve não tivesse incidência sobre a votação do congresso. E deixou o movimento social numa situação. A gente não conseguia antecipar a greve geral. Eu acho que primeiro a ocupação é muito mais do que um amontoado de barracos com pessoas que se juntaram lá

porque precisam de casa. No começo era só isso, mas com as relações que ela estabelece ela se torna também uma escola de luta pras pessoas. Quando a pessoa vai percebendo, tem ocupação no Capão, as pessoas entraram lá por moradia, na terceira semana ou mês de ocupação surgiu um problema com a linha de ônibus, que não chegava e que era ruim. As pessoas já tavam ali no tema da luta por moradia e qual a mensagem que essa luta deixa? Seu direito você vai conquistar lutando, não vai ser pedindo pra um vereador, com jeitinho, é com luta. Como isso vira uma cultura muito forte dentro da ocupação, teve um problema do ônibus lá, qual foi a decisão da assembleia, vamos ocupar a secretaria de transporte pra mudar a linha de ônibus. Ocupou e mudou. O efeito disso pode ser uma coisa pequena, mas o efeito de empoderamento que isso tem nas pessoas, de valorização da luta, não é qualquer coisa.

(Boulos) tem outra história muito legal que é do condomínio João Candido, uma conquista exemplar que nós tivemos depois de quase 10 anos de luta, de duas ocupações, em especial, Chico Mendes e João Cândido na região metropolitana de São Paulo. Nós conseguimos um projeto de moradia que foi gerido pelo movimento, feito pelo movimento que o resultado disso foi o maior apartamento do programa Minha Casa, Minha Vida do Brasil. Com o mesmo dinheiro que as empreiteiras fazem 39 metros quadrados o apartamento, nós fizemos 63 metros, como resultado dessa luta e da gestão das pessoas participarem daquilo. Com elevador, varanda. Pra nós é um exemplo do que é essa luta.

(Boulos) Mas o que eu ia falar é que as pessoas conquistaram, entraram nos seus aptos, no comecinho lá deu um problema no elevador e a empresa não queria arrumar e o elevador quebrado e tem 8 andares e o pessoal subindo de escada e fez uma assembleia no condomínio. O que nós vamos fazer. Ai vamos mandar ofício pra empresa, vamos mandar uma ação judicial, aí outro falou nós temos que ocupar a sede da empresa e a assembleia veio abaixo, ocupou a sede e em menos de 24 horas o elevador tava consertado. Ou seja é uma cultura que fica. O cara já tinha conquistado a moradia dele, que foi o objetivo inicial do movimento, mas o aprendizado que é com luta que se resolve valeu até pro elevador e isso ninguém tiram mais das pessoas que participaram desse processo.

(Boulos) A ocupação se torna uma verdadeira escola. E pra fora também, pra outros setores sociais. Quando o sem-teto depois de ficarem 22 dias acampados na Paulista conseguem uma vitória. Isso diz pra o professor, pro bancário que se for pra cima também pode conseguir. Quando o movimento depois de muita resistência, marchas, lutas, ganha o terreno, Isso não diz só sobre aquele terreno, isso diz sobre um método pra um conjunto da sociedade de como reagir aos ataques e como conseguir os seus direitos, isso é muito valioso na luta que o MSST trava no último período no país.

(Geraldo) Agora me diga, o que você diria que a gente pode nesses poucos dias que estamos aqui, documentar pra ser sintomático, exemplar da luta. Qual o quadro que se a gente conseguisse pegar daria um exemplo.

(Boulos) Você já foram no Capão? Lá é o lugar. Segundo lugar o condomínio João Cândido. E olha, chuto por baixo, 60% nordestino. Em Taboão da Serra, não é longe do Capão. É o condomínio do elevador, as pessoas já tão morando, e outro momento da luta. Quem ocupou, comeu o pão que o diabo amassou. Tem o senhor Ze Ferreira, vai fazer 70 anos de idade, conquistou a casa dele há 2 anos e pouco e não perde uma luta do movimento. Vai ter greve geral, ele tá lá. Vai pra Brasília, tem umas figuras dessas, que são muito emblemáticas. Se vocês forem lá, eu boto em contato com o síndico do condomínio que ele bota você em contato com todo mundo.

(equipe) Eu vi o filme da Lili e tem a hora que eles tão pensando como vão estar com a juíza...

(Boulos) Nós ficamos 22 dias na Avenida Paulista, gerou as reações mais opostas. Nós usamos uma cozinha coletiva da esquina da Paulista com a Augusta e foi incrível e chegou doação de alimentos de todo lado. Teve um lado bom de quebrar esse gelo. Mas teve o lado da repulsa, ojeriza, preconceito. Você vê aquela pessoa que pro executivo da Paulista o lugar

dela é ser invisível, dizer sim senhor e ir pro elevador de serviço e atender sua ordem. A pessoa de cabeça erguida no meio da avenida, numa aula publica debatendo, colocando opinião ou ver ela com canequinha no meio da calçada...Quem tem esse material é a Mídia Ninja, eles filmaram do começo ao fim

(Geraldo) A outra questão é a greve, que é na sexta. Como a gente pode fazer.

(Boulos) Nós vamos ter um 12 trancaços de manhã. Em Guarulhos vamos junto com os sindicatos dos aeroviários bloquear o aeroporto internacional e da tarde vai ter um ato unificado no Largo da Batata.

(Geraldo) Como o movimento vai estar colocado no Largo da Batata nesse dia da greve?

(Boulos) Muitas ocupações vão pro Largo, estaremos de 5 a 10 mil pessoas lá do MST lá.

(Conversam como articular e circular na greve e onde filmar)

(Geraldo conversa com senhoras sobre no condomínio)

(senhora) Pra estar aqui, nós participamos de um movimento de moradia. Então, existem várias comunidades. Por exemplo, a minha comunidade era Paróquia São Joaquim no Itaim Paulista. Chegando lá tinham mais pessoas com o objetivo da casa própria. Existia um coordenador que era seu Manezinho, que fazia nossa ficha, explicava o que que era o movimento de moradia e falava: vocês vão ter que participar de um mutirão. Quer dizer, o movimento está sempre em movimento, quem iria participar seríamos nós.

(senhora)) Aí nós fomos pro básico que era se reunir numa comunidade onde tinha mais pessoas com o mesmo objetivo, que era ter a casa própria. E pra ter a casa, nós tínhamos as etapas. Não podia faltar, estar engajado com a causa e participar de todas as etapas. Participar do movimento ajudando os outros que estavam na frente a construir, até chegar nossa vez. Então dependíamos da administração. Que era quem coordenava tudo isso. O gestor a gente tinha como padre e o Neto que faz essa movimentação. E é através dessa movimentação que a gente foi galgando o dia a dia. Quando vi conhecer seu Carlos, vim conhecer aqui, a Ju conheci na administração. Nós fomos pra esse espaço de Itaquá e teve outros espaços que outras pessoas que também faziam mutirão foram destinadas pra esse espaço. Aí, pós isso, nós começamos a luta. Quando a gente chegou tivemos o andamento de adquirir o terreno, teve outras etapas e através delas nós participamos do início de tudo aqui. Isso era terra, depois começou fazer a terraplanagem, fundação. Aí fez um galpão onde guardava ferramenta, todo material de trabalho. Então o canteiro foi montado e começou toda situação. E nisso a gente foi assistindo nós como a mão de obra menos qualificada, fomos assistindo o estancamento, pessoal fazendo alicerce e assim sucessivamente.

(Geraldo) E hoje em dia, esse conjunto aqui tem quantas habitações?

(senhora) Aqui a construção de 140 aptos, habitados 138 e pra nos lazer temos dois salões de festa. (quantos blocos são) São 7 blocos e 20 apartamentos por bloco. (e moradores?) Umhas 600 pessoas, mais ou menos. Nesse momento a gente não vê, mas quando chega de tardezinha e o povo tá chegando do trabalho, da escola, dá umas 600 entre crianças e adultos.

(senhora) esse é a mesma disposição, no momento a gente tem o espaço mas ele ainda não tá montado (mostra o salão de festas) Aqui nós temos uma pia, espaço pra geladeira e fogão. Ele também tem um banheiro. E a parede a gente fez um espaço pra poder guardar material de limpeza. E do outro lado, a gente fez a parte administrativa do condomínio.

(Geraldo) Quantos anos tem que vocês se apossaram daqui?

(senhora)) Nós nós apossamos em 26 de abril de 2015. Hoje faz 2 anos. E foi a construção foi em um espaço de 2 anos.

(Geraldo) teve uma empresa que orientou ou só técnicos trazidos pela Pastoral?

(senhora) A pastoral não sei como funciona exatamente, mas tem um espaço que é extensão da pastoral que tem engenheiros, técnicos e nós participamos com a mão de obra barata, que seria a mão de obra de ajudante. Então, por exemplo. Carregar tijolos, levar carrinhos de areia, levar água pra todo mundo que tava trabalhando aqui. Então tinha uma senhora que ficou uns 5 meses morando e ficou doente e morreu. Ela vinha com as garrafas pet, água pra todo mundo e assim por diante. Então a gente fez esse tipo de trabalho, a mão de obra. Quanto aos pedreiros, eles tinham contratos, pintores, azulejistas, essa mão de obra mais profissionalizada é outro tipo de pessoa que veio trabalhar, a nossa parte foi o bruto mesmo. ajudar a tira terra, carregar tijolo, distribuir ferramentas.

(senhora) e a estrutura do condomínio é fantástica, não precisa ficar porta aberta. (atendem o interfone) E dá todo esse conforto pro morador também. Dona Francisca. Esse é um pessoal que tá fazendo um trabalho da Pastoral da moradia e eu sou fã da senhora. Eles queria conversar com a senhora.

(Dona Francisca mostra o apartamento)

(D. Francisca) Tem 12 anos. Entre a comunidade e a associação, mas aí eu fiquei todo esse tempo por causa do meu marido que achava que não ia acontecer. Aí ele não deixou eu lutar sozinha. E eu to aqui.

Eu fiquei 3 anos e meio na comunidade e fui pra associação e fiquei o resto do tempo aguardando chegar a oportunidade que eu me encaixasse.

Geraldo) Enquanto isso a senhora trabalhou pra realizar outros apartamentos...

(D. Francisca) Passei por cinco condomínio desse, trabalhando, lutando, vendo os outro chegar, pegar sua chave, até quando chegou minha vez e hoje to aqui.

(Geraldo) E a senhora é de onde?

(Dona Francisca) Eu sou do Ceará, de Juazeiro do Norte. Eu to aqui agora mesmo, há 35 anos. Porque lá onde morava, morei por 32 anos, aí mudei pra cá, dois anos hoje que peguei a chave. Mudei dia 3 de maio, faz 2 anos. E aí to na luta.

(Geraldo) E o que significou essa mudança pra senhora e pra família.

(D. Francisca) Pra mim significou muita coisa porque eu morava numa comunidade. Aí quem mora em comunidade, já viu como é. (como era?) Era difícil, mas deu pra morar. Era morando nessa comunidade, as parede da casa tudo rachada, na beira de um córrego, mas morei por 32 anos. Com a família, criei 9 filhos. Tenho 2 que está estudado. O meu filho é contador e tem uma filha que é professora. E os outros ta aí tudo trabalhando, lutando, comigo mesmo tem três. Essa de 19, uma de 16 e outra de 30 anos, que tão comigo aqui.

(D. Francisca mostra a casa)

(D. Francisca) Todos que entrar, lute com fé, que tem sua casa. Que nem eu mesmo, to lutando e agora to aí, sossegada. E não só eu, ainda tem 2 filhas que mora em apartamento assim. Essa que mora em outro bloco e a mãe tá trabalhando e a outra que mora no Santo Expedito.

(senhora) Aqui é Itaquá e tem outra na região de Itaquera.

(senhora) E aí compramos as janelas e as portas do gosto do morador. Teve uma eleição pra isso. Aí tudo veio e ficou num pacote legal e de qualidade. Ficou muito bonito, é muito lindo.

(D. Francisca) Eu vou cuidar dele se Deus quiser, até.

(senhora) A veste da família é a casa, então a família agasalha com a moradia é muito mais feliz. Então, quer dizer...

(D. Francisca) Eu mesmo morei por 32 anos em comunidade, criei meus 9 filhos e tudo são gente de bem, mas é difícil.

(senhora) É difícil porque você divide toda sua estrutura de família e educação com outras coisas que você desconhece, que é surpresa. Vai chegando o elemento surpresa e você fica, o que posso fazer pra mudar isso.

(D. Francisca) Aqui é um lugar digno de se morar. No dia que peguei a chave foi uma festa.

(D. Francisca) eu trabalhei em 5 mutirões quando chegou minha vez, muita fé e muita luta também. Porque se não tiver a luta...

(senhora) (fala com a criança) onde você estava, perdeu a mala? Você tem que guardar. Vocês querem conhecer a caixa d'água? É primordial. Nós comentamos que cada apartamento são 4 lados. Esse é o lado 4, começando do apto 14,24,34,44 todos tem seu hidrômetro individualizado, então qualquer apartamento desse o morado tem sua água individualizada, então aqui a gente paga uma administradora que faz nossos boletos de condomínio, eles fazem uma leitura, tem a chave pra abrir isso aqui, abre faz a leitura, fotografando o hidrômetro pra você fazer o comparativo do que gastou no mês anterior pro mês atual. Aí você confere sua conta. Agora vamo ver a caixa d'água.

(senhora) como eu havia dito a caixa d'água tem duas fases, numa das fases a água entra que bombeia pra caixa de cima, então a gente tem uma média de 160 mil litros de água e fora a água de consumo do pessoal, a gente tem a água do bombeiro que é onde não pode faltar água. O símbolo do bombeiro é esse cano vermelho e a água nossa é o cano verde. Então, a caixa a gente tem a entrada, na primeira casinha lá em cima é uma das caixas d'água e continuando a subir é o segundo reservatório da água. Então é a água que é circulante. E como eu havia dito, a gente teve esse mês de abril a limpeza da caixa d'água onde garante a qualidade de água pro pessoal. Então foi nosso segundo ano de moradia e foi feita a limpeza da caixa d'água, assim como fizemos da caixa de gordura. que toda limpeza que entra pro apartamento ou sai através do banho, da pia ou da roupa.

(senhora) então ela tem uma caixa que a gente chama de caixa d gordura e a gente também fez a limpeza dessa caixa pra que não tenha o desprazer de vaza água com gordura dentro do condomínio.

(senhora) (fala no interfone) Cida, a gente tá com o pessoal que tá fazendo um trabalho pra pastoral da moradia e eles pediram pra ver alguém que teve uma história significativa. Então a gente falou com a D. Francisca e queria saber se você pode atender eles pra eles verem como foi a sua luta. (ah, não quero não, Gi) Não quer? Eu até falei pra elas a luta dela não é só pela moradia mas pela saúde da filha, os exames, aquelas coisas todas. E como não tá pra ver as pessoas de uma vez só, a Cida é uma pessoa que tem uma história marcante. Eles tão fazendo um documentário pra fazer essa nossa história do movimento de moradia. Por isso que to ligando pra saber se você pode receber eles. É coisa rápida. A gente conversou com a D. Francisca e umas sugestões é falar com você. A gente queria subir, pra ver a estrutura...

(senhora) aqui tem fábrica de bolachas, de peça de fogão, de cadeira lá do outro lado, tem de várias coisas importantes.

(equipe) Cida, meu nome é Maria e a gente tá fazendo um documentário sobre a questão da moradia em SP. A gente queria um pouco conhecer seu espaço e te perguntar como foi que você entrou, como foi sua história aqui no condomínio.

(Cida) Senta aí gente, fica à vontade. Do que vocês querem saber?

(equipe) de como a senhora chegou aqui no condomínio? sua história?

(Cida) não sei nem por onde começar.. Muita coisa boa, foi muito trabalho, muita luta. Eu fiz inscrição na igreja no São Miguel Paulista e comecei a participar, ir pras reuniões. Aí fui sorteada e entrei. Fiquei 12 anos no movimento trabalhando fizemos um cinco com esse aqui que nós tamos morando. De lá pra cá aconteceu tanta coisa. Aqui, eu era católica, me converti e passei a ser evangélica e durante o processo de mutirão eu preguei muita a palavra de Deus. Tenho uma filha especial também, tomava conta da minha filha. Foi um período que eu trabalhei aqui, foi o período que ela transplantou porque ela é transportado do rim e eu continuei no mutirão, cuidando dela em casa, no hospital e trabalhando aqui. Cuidado de casa, do meu neto, da minha filha menor. Então foi muita luta.muita peleja, fiz vários amigos aqui, parte também do conselho.

(equipe) e a Senhora vem de onde?

(Cida) eu sou de Goiás e tem 20 anos que eu mudei pra cá. Vim pra trabalhar, meu marido veio na frente e depois eu vim com as crianças, mas nem cheguei a trabalhar porque logo teve essa filha, aí fui cuidar dela (qual o tamanho da sua família?) Eu tenho 4 filhos, mas hoje mesmo só moro com as duas meninas mais novas, a Ariel que é especial e a Isabele, que tem 10 anos.Moro aqui com as duas meninas, meu filho tá morando na Penha com a outra menina, aí eu fiquei aqui com as duas meninas.

(equipe) e você continua envolvia nesse movimento de moradia depois que vocês tão morando aqui?

(Cida) Porque assim cabou pra nós porque já saiu o apto.

(senhora) o processo é como ela falou, a gente se inscreveu em alguma comunidade, foi trabalhando nos outros mutirão e cada mutirão desse durou 2 anos, 2 anos e meio, por isso a gente tem esse número de anos. Porque tinha pessoas na frente e nesse meio tempo tinha uma outra política, esperava-se uma terra do CDHU até que começou a ter uma contrapartida, comprovasse um terreno e falava, o terreno custa tanto, a prefeitura vai dar x de valor e nós vamos participar com 1%. Então, se fosse 59 mil reais por apto, cada um de nós participou com 1%, 590 reais. Então foi uma contrapartida, que somando com o dinheiro que é fornecido pela prefeitura, estado, dava-se o total do valor do terreno.Aqui acho que é 7 mil metros, qualquer coisa, foi onde começou a ser mais ágil pra gente. E nisso que ficamos esperando, o que era via CDHU dependia de muitas outras coisas. Eu fiquei 15, levei mais tempo, entrei em 2001, a gente ia participava da moradia do outro, ansioso pra ser a nossa vez, até que chegou a nossa vez. Teve terrenos mais caros que os nossos, que nem aquele Santo Expedito, assim não dá, então você tem que ir até onde a mão dá.

(senhora) até que chegou o nosso, o pessoal nossa é longe, mas quando você vem pra sua casa tudo é perto. É aquela coisa, como a D. Francisca disse, luta, perseverança, fé, é um conjunto muito forte. Uns podem pagar, outros não podia, tinha o \$ da condução. Muitas vezes ele nem podia vir, fica até com falta e o medo de perder a vaga? Ficava devendo um dia de trabalho. Porque ela faltou? Porque foi marcar consulta da Ariel, teve que buscar remédio, então quer dizer.

(Cida) Ela fez um ano e meio de hemodiálise, dois transplantes de rim e eu nessa luta aqui o tempo todo. tudo aconteceu aqui. Ela transplantou, eu trabalhei aqui. Ontem fez 2 anos que foi inaugurado aqui.

(senhora) é um espaço bonito, de luta e grande agradecimento.

(Cida) a gente é mãe solteira, mãe e pai pra cuidar de ilho, trabalhar, então é muito bom, conquista só de Deus na nossa vida.

(equipe) E será que você pode mostrar o apartamento pra gente?

(Cida mostra o apartamento)

(Cida) é simples. mas humilde, mas é meu.

(senhora) ela vai pra escola que é perto daqui e a Ariel vai pra uma escola especial e lá eles tem espaço pra crianças especiais, ela tem acompanhante de libra. Ela foi pra escola normal, mas não se deu, Aí tem escola especial por aqui, mesmo a gente estando fora de SP a gente tem um espaço que acolhe a gente legal, tem bastante coisa aqui em Itaqué. Eu troquei de amor, amor Itaqua, já sou eleitora, gosto dos mercados e assim vai...Amo SP, mas agora eu tenho uma novo amor Itaquaquetuba, então vamo amar SP e Itaqué.

(senhora) Pra pessoas especiais, a estrutura aqui tem o apto 4 do bloco A, apto 3 do bloco C e o 4 do bloco B. São especiais, mas nós não temos nenhum cadeirante morando aqui ou portado de deficiência física, motora. Então na data foi tudo sorteio. Ficou os especiais pros idosos e pra quem precisava mesmo. Foi pensando a estrutura aqui, até a parte de agua, luz que a gente tem tudo separadamente.

(mulher) de uma certa minha experiência foi mais fácil. Eu me divorciei, quando era casada a pessoa não acredita muito que o movimento era sério. Aí veio o divórcio e eu continuei na luta e conquistei meu objetivo e hoje eu moro no meu apartamento por ter acreditando que valia a pena. Foi difícil, trabalhava nos sábados, domingos, feriados na obra, mas valeu muito a pena. De uma certa fora pra mim foi mais fácil por esse motivo de ser sozinha, ter mais disponibilidade. As pessoas casadas, com filhos se tornava mais difícil, mas graças a Deus valeu muito a pena.

(equipe) você vem que lugar e quanto tempo você está aqui?

(mulher) Meus pais são da Bahia, de Jequié e eu vim pra cá pequenina, depois de um tempo nos voltamos pra Bahia e depois pra SP novamente, aqui pra minha mãe era mais fácil, ela era costureira, aqui ela trabalha mais fácil aqui. E eu morei praticamente minha vida aqui em SP, mas minha mãe também conquistou a moradia dela através desse movimento de moradia, minha tia, primo, minhas irmãs, graças a Deus minha família participou bastante desse movimento e nós acreditamos e conquistamos também. Prova que vale a pena.

(equipe faz imagem dos aptos e área externa do condomínio)

(equipe faz imagem dos aptos e área externa do condomínio)

(equipe faz imagem dos entornos)

(Geraldo fala sobre condução da entrevista com o senhor)

(Neto) o nosso movimento nós temos 32 comunidades de base, a porta da entrada é a comunidade de base, onde as pessoas entram, depois que ela é selecionada, nós temos um

apoio chamada solidariedade. As pessoas que entram no movimento doam um dia de trabalho uma vez por mês. A partir daí que nós vamos selecionar as pessoas pro futuro, porque nós temos a tradição de fazer as obras em mutirão. Com auto gestão, lógico. Tem parte de mão de obra contratadas. Tem 32 comunidades, a partir dela a gente vai selecionando as pessoas. Vamos tirar 138 famílias, a gente vai na comunidade, vê quem tem mais participação, se está dentro do critério e selecionamos.

(Neto) temos um site nosso, que a pessoa pode cadastrar, se a renda dela ultrapassar de 1.800 ela já é rejeitada no cadastro. Ela pode cadastrar a qualquer momento, nós paramos no dia 31 de abril. Nosso trabalho começa depois, arrumando uma área a gente faz um estudo de viabilidade, se tiver os técnicos vão desenvolver um projeto pra aquela área. Aí a gente as famílias que vão participar, nós encaminhamos ou por município. No caso de SP é umas das poucas cidades que tem recurso que aporta dinheiro, que a maioria das cidades no Brasil só ajuda a aprovar o projeto, não tem recurso. SP tem a Casa Paulistana que foi criada no governo do Haddad pra que ajude com 20 mil reais.

(Neto) 20 mil pra cada apto, algumas áreas que temos hoje, são 8 áreas do município pra fazer, são 1445 moradias que vamos tocar. Pra repassar a área a custo zero, eles repassam só 10 mil. Como as terras tão ficando muito cara nós vamos verticalizar e fazer prédio até de 12 andares. Então não dá pra fazer mutirão onde vai fazer um prédio então nós vamos terceirizar e fazer através de empresa, pra ter elevador. Pra você colocar mais pessoas no lugar mais central onde tem infraestrutura. E o governo do estado através da casa paulista entra com mais 20 mil reais. E o governo federal entra com 96 mil reais, que é o Ministério da cidade, através do FDS (Fundo do Desenvolvimento Social)

(Geraldo) isso é todo auxílio que vem da área pública?

(Neto) Tudo dinheiro público, dinheiro nosso, que nós pagamos imposto e que tá lá. A terra é comprada. Ou o Ministério da Cidade liberava o dinheiro pra comprar e terreno fica hipotecado pra o FDS até construir a moradia e as pessoas pagarem. Nós temos experiência de 3 áreas que nós compramos o terreno, fizemos o projeto e lá construímos a habitação.

(Geraldo) Explica Neto como se faz a construção, tem a terra, o terreno, os recursos estão disponíveis e aí como vocês organizam e mobilizam essa coisa que vem entre técnicos e outros operários qualificados como isso se organiza.

(Neto) tem a equipe, engenheiro, que acompanha a obra, mestre de obra. Se vai fazer a terraplanagem você contrata empresa, fundação, começou a obra, contrata os pedreiros. As famílias participam transportando material, basicamente a participação da família se dá nesse trabalho de ajudante porque nós não podemos pegar o dinheiro e pagar ajudante porque parte do princípio que o mutirante vai ajudar a construir. Então nós só temos dinheiro pra pagar mão de obra chamada qualificada, que é o encanador, eletricista, pedreiro,

(Neto) toda essa mão de obra é contratada. E o material pra obra que a gente compra, compramos material de boa qualidade, desde a área, tudo é ensaiado e assim por diante. E hoje nós temos o know how, equipe e pessoas pra fazer esse tipo de trabalho. Eles liberam uma parcela antecipada pra você ter um poder de compra maior, quando você executa aquele serviço a caixa econômica vem e mede e libera outra parcela antecipada pra você ter um poder de compra. Como a associação não tem recurso pra vc comprar material eles antecipam uma medição no cronograma. Quando executou aquela parte, vem os técnicos, mediu e libera outra e vai até a obra ficar pronta.

(Geraldo) Me dê uns números.

(Neto) na região, no 8 de maio vamos celebrar 3 anos, nós conseguimos mais de 35 mil moradias, são vários conjuntos na região da leste 2 da cidade de SP, que tem 4 milhões de habitantes, 1/3 da população da cidade, mas se nós pegarmos aqui só nossa região, porque antes nos tínhamos uma divisão na igreja que ra 10 bairros, hoje é 7 subprefeitura. Quando junto a leste 1 2 que são duas dioceses baseados da igreja católica, são 11 subprefeitura e a diocese daqui de são Miguel e do Belém. Esse trabalho que nós fazemos aqui ao longo de 34 anos.

(Neto) a maioria e daqui da lesta, mas tem população da cidade inteira, nós não excluimos se a pessoa é de outra região da cidade. você tem do centro, de zona norte, sul que veio participar, mas nossas comunidades só estão aqui. Em construção 35 mil moradias, desde 84, temos mutirão por auto gestão e fomos avançando e hoje estamos construindo prédio. Porque antes quando começou o movimento pessoal queria um terreno de 250 metros, depois baixou, aí chegou um momento que não dá pra construir casas ou sobrados porque as terras são muito caras e inviabiliza. E hoje nós temos que verticalizar nossos projetos hoje são prédios. Temos uma região que construímos 1098 aptos , temos um know how muito grande em fazer essas obras de mutirão. Porque o povo organizado, constrói essa cidade, lógico com essa parte de mão de obra contratada porque a obra funciona de domingo a domingo.

(Geraldo) tem um projeto que ta previsto quantos andares?

(Neto) o térreo e mais 12, que nós vamos estar fazendo, num local central, com infraestrutura melhor e resolve o problema. Porque se nós continuássemos da forma que estávamos não tem mais terra, as terras estão acabando então tem que aproveitar as poucas terras que tem e verticalizar, colocar mais pessoas pra poder atender.

(Geraldo) alguma coisa que você queira dizer?

(equipe) como é essa concepção do direito à moradia?

(Neto) o nosso movimento talvez foi um dos poucos, quando começou em 8 de maio de 84, começou com o grupo de direitos humanos, na região tinha muito despejo e começou a discutir essa questão, É muito lindo essa questão no papel, mas a se a gente não for a luta, não conquistamos. Até a gente de vez em quando cita pras pessoas, se você ficar esperando que é papel do estado de dar uma moradia e esperar que o estado vai bater na sua porta você nunca vai ser atendido, por isso a gente tem que ir a luta e é difícil e as pessoas a gente não consegue entender. De outro lado a gente tem dificuldade com o poder publico porque as pessoas não acreditam Hoje o próprio sindicato é contra que você constrói uma habitação como aquela, um apartamento daquele é 89 mil reais e custa 200 mil na região e que não tem aquela qualidade. então a gente prova que a gente faz uma habitação de boa qualidade com um custo muito menor do que eles e que dura muito mais.

(Neto) se você entra nós imóveis que tem por aí construídos são porcaria, a gente consegue fazer belas obras e temos capacidade de fazer mil moradias por ano, organizada e infelizmente o poder publico não nos apoia, que nos poderia avançar muito mais, tá certo? Mutirão não é escravidão, mas as pessoas tem que trabalhar no final de semana e se eles não fizerem isso não vai ter moradia nunca, se ficar esperando e aí você pega as obras do poder público, de uma forma geral, são muito mais caras. As vezes a gente conversa com pessoas lá...

(Geraldo) Eu não sou entendido, mas dá pra ver a qualidade do material, acabamento e equipamento que tá lá.

(Neto) e sabe quando as pessoas pagam de prestação? 32 reais, 42 reais, menos de 100 reais por mês. Uma pessoa que pagava 550, 600 de aluguel ela vai ter qualidade de vida, vai melhorar e esse dinheiro será gastado aonde, no comercio. É uma pena que o poder público não consegue enxergar isso. Porque esse dinheiro pode retorne de outra forma. A partir do momento que ele vai consumir isso também vai ajudar, porque como funciona o poder público, dos impostos. É uma pena que a própria população não tenha consciência e aqui eu faço uma campanha constantemente das pessoas ter que pedir nota fiscal, para que pague imposto. porque o imposto que banca a saúde, educação, habitação e assim por diante. São Paulo é um dos estados que tem 1% que vai pra habitação, arrecada 1 bilhão por ano, daria pra fazer muito mais moradia se fosse desse termo. Mas infelizmente não prioriza essas habitações com custo menor e melhor qualidade, pessoas escolhidas que você sabe que realmente necessitam. Porque quando você faz um sorteio público, entra gente que às vezes nem precisa. Então tem que ter uma seleção com mais qualificação nos sentido de atender as pessoas que realmente precisam de uma moradia. O custo é muito menor porque a gente não prevê lucro, mas a qualidade. Aquela obra nós devolvemos ainda pro estado 132 mil reais que sobrou da obra e nós devolvemos, o que é inédito uma obra como aquela e você devolver dinheiro. Não tem isso que eu saiba no sentido da gestão.

DATA: 22.04.2017

OCUPAÇÃO MTST

CAPÃO REDONDO 01

SÃO PAULO – HD VI

(equipe faz imagem da bandeira e dos locais)

(take de homem trabalhando com a enxada)

(homem) eu quero ser famoso com dinheiro no bolso, não é com a enxada batendo na pedra, não.

(take da faixa)

(take vista dos barracos)

(vista da comunidade)

(take dos barracos)

(vista de local com faixas e dizeres)

(take dos barracos)

(take de crianças e pessoas passando)

(take senhora passando)

(Geraldo) Como é seu nome?

(Natalia) Natália Clementino de Souza.

(Geraldo) E você de onde é?

(Natália) Pernambuco. Sou pernambucana. (é você me falou do Recife, de Olinda) Olinda, Boa Viagem.

(Geraldo) E seu nome?

(Josenildo) Meu nome é Josenildo Barros Bispo. De Feira de Santana, sertão da Bahia. A princesa do Nordeste.

(Geraldo) E como é que você veio parar aqui?

(Josenildo) Eu vim parar aqui em 1979. Nessa época eu tava completando 13 pra 14 anos e o time do futebol de Feira de Santana, Fluminense de Feira me fez a proposta de vir estudar aqui em SP na época. E aí tive algumas lesões que me podou do futebol. Foi nesse período que eu voltei pra Feira com 15 anos e aí pra voltar um pouco pra escola. Depois com essa coisa de não dar certo futebol eu me desliguei da escola. E aí a gente começou a trabalhar, tocar a vida.

(Geraldo) Em Feira? E o que na agricultura?

(Josenildo) Em Feira a atividade que a gente encontrou foi a área da construção civil. E lá na escola do exército, na minha região não tinha escola, então foi uma briga danada pra se construir uma escola lá e nessa época a gente conseguiu estudar. Teve um coronel do exército que não aceitou essa escola fora, época do militarismo. Então ele levou a molecada pra estudar dentro do batalhão. Nessa época a gente não sabia que ele queria uma mão de obra barata, por conta da engenharia militar que tinha no batalhão. Então a gente ficou estudando lá e praticando uma profissão dentro da engenharia militar, como diz hoje, o jovem aprendiz.

(Geraldo) Mas de construção.

(Josenildo) De construção civil, pedreiro, eletricitista, pintor, encanador. Nessa época eu aprendi um pouco disso. Depois eu fui ficar um pouco em Minas Gerais, fui viver com meu pai um pouco, ele não queria me ver fazendo aquilo, meus pais se separaram e eu tava bem jovem, minha mãe veio pra SP e meu pai pra Minas e meu pai como músico achava que eu deveria ser músico também aí ele me puxou pra lá um pouco. (e onde em Minas) Governador Valadares, depois de um ano nós mudamos pra Vitória no Espírito Santo onde meu pai vive até hoje.

Em 86, eu voltei pra Feira de Santana de novo. Lá eu comecei a namorar e em 88 já noivo e sem local pra trabalhar eu resolvi vir pra SP de novo. Trabalhar, ganhar um dinheiro, voltar me casar e tentar viver por lá. Assim eu fiz, mas em 90 quando eu casei foi pior. Lá que não tinha trabalho mesmo, eu já com 23 anos, aí viemos pra SP. Eu e a esposa,

recém-casados, sem nada. Sem dinheiro no bolso, no banco e sem trabalho também. E aqui nós conseguimos trabalho, criamos 2 filhos e depois de um tempo a gente se separou.

De la pra cá, continuava trabalhando, cuidando dos filhos que ainda tavam jovens, ai me casei novamente e tenho mais duas filhas. E quando eu separei da primeira vez eu fui pagar aluguel, sem casa. E cada vez ficando mais difícil e aí a gente conheceu o MTST e onde estamos militando e trabalhando até hoje.

(Geraldo) Desde quando?

(Josenildo) Desde 2014, quando eu conheci o acampamento da Nova Palestina e ai a gente tá sempre em contato, sempre se falando. Aí quando chegou essa ocupação pro Capão Redondo, eu entrei de vez.

(Geraldo) E você está aqui nessa ocupação?

(Josenildo) Nesta ocupação?

(Geraldo) Está sozinho?

(Josenildo) Eu estou só, pela família.. Estou separado da segunda esposa, mas a gente mantém um laço muito bom de amizade e a luta aqui pra eles, essa é minha ideia. Conseguir pra passar pelas meninas que estão pequeninas. Uma de 5 e outra que faz 3 anos agora (e estão onde?) Estão aqui em SP, elas moram aqui, bem próximo daqui. Também pagando aluguel. Essa luta de manter as filhas, de se manter, pagar o aluguel e as coisas, obriga o cidadão a tentar correr atrás.

(Geraldo) E você tá trabalhando onde?

(Josenildo) Hoje a gente vive de bicos, tem uma banda de música que volta e meia nos dá um pouquinho a mais. Como músico.

(Geraldo) E você toca qual instrumento?

(Josenildo) Guitarra e voz.

(Geraldo) Você cantaria e tocaria alguma coisa? (Com certeza) Tá aqui a guitarra?

(Josenildo) Não tá aqui, uma pena que já podia fazer alguma coisa.

(Geraldo) E como foi o teu contato com o MTST?

(Josenildo) O MTST surgiu no Nova Palestina. Eles fizeram uma festa lá e me viram tocar em algum lugar, que não me recordo, e aí eu fui convidado pra participar da festa, lá no acampamento. Era uma festa do dia das mães e o acampamento estava começando como aqui. E aí a gente foi tocar e eu participei de outras festas e fomos nos conhecendo, trocando as ideias. Aqui na região a gente já fez muita luta, na minha época de mais jovem, pra mudar a situação da região. Isso era uma região muito perversa, muito violenta, muito abuso. Questão da polícia era um abuso enorme aqui.

(Geraldo) Como assim?

(Josenildo) Abuso de poder, pra eles todo mundo é bandido. Pra eles todo mundo é drogado, pra eles aqui ninguém trabalha. Ai você imagina um rastafári nessa região, com policial abusado, ele vai dizer que no mínimo você é traficante, vagabundo, hippie. Na verdade eles tratam como se hippie fosse uma coisa ruim e as pessoas não tivessem o direito de viver. Então a gente fez muita luta aqui, muito trabalho, nas rádios comunitárias da região e naquela época a rádio comunitária era uma coisa ruim aqui, porque trazia uma informação local. A informação local que você vê na grande mídia daqui é só o que acontece de ruim, né? Como se só acontecesse coisa ruim aqui.

Ai a gente foi se envolvendo cada dia mais com o MTST e entendendo que eles lutam por uma igualdade, uma justiça e essa falta de justiça que existia aqui, a gente foi se juntando cada vez mais, esse foi o primeiro contato até aí. O conhecimento passado, político vai nos ajudando a entender.

(Geraldo) Me diz o que a Feira de Santana é hoje na sua cabeça?

(Josenildo) Uma grande metrópole. Feira de Santana hoje é minha lembrança, minhas raízes, minha vontade de voltar pra rever os amigos de infância, os parentes, primos, tios, tias, acho que isso, uma saudade. A vontade de voltar a Feira de Santana é cada dia mais gostosa, é legal.

(Geraldo) Mas viver lá não tá mais no horizonte?

(Josenildo) Tá mais longínquo. Porque são 35, 40 anos em SP e você aprendeu outro jeito de viver, não esquece as raízes, mas quando você aprende outro jeito de viver o que você tem do seu lugar é antigo, é só o saudosismo, a gente não vai encontrar mais a Feira do Gado, o Centro de Abastecimento como era, o Mercado Municipal. Então é saudade, Feira de Santana.

(Geraldo) E isso aí. E Natália, diga aí. Você nasceu lá. não foi?

(Natália) Nasci em Pernambuco, sou filha de pernambucana. (e você veio de lá quando?) Eu vim com 13 anos. Hoje eu tenho 29 anos, veio eu, a minha mãe e meus irmãos pra cá porque lá a vida é muito sofrida. Sofrida mesmo. Fora que é ruim de emprego, essas coisas.

(Geraldo) Mas aqui veio com mãe, veio pra cá.

(Natalia) Vim com minha mãe e meus irmãos, a gente somos em cinco. Hoje a minha mãe tá lá, que ela voltou pra lá, ela tem a família e meus irmãos tá aqui. Cada um hoje é casado, tem a sua casa, só eu que não.

(Geraldo) Mas você é a mais jovem?

(Natalia) Sou a mais velha.

(Geraldo) E o que é hoje Pernambuco pra você?

(Natalia) É como o Nildo falou, só saudade, lembranças. Eu amo Pernambuco de coração, mas pra morar não. Porque lá é um lugar sofrido. (Você voltou alguma vez?) Voltei só duas vezes, mas só pra passear, 15 dias (mas não foi com a intenção de ficar?) Não, só de

passar. Aí eu fui, voltei, eu, minha mãe, meus irmãos e hoje como minha mãe casou e terminou com o marido dela, ela foi pra lá. Mas a gente estamos aqui.

(Geraldo) E o movimento, o que significa pra você?

(Natalia) Aqui dentro eu faço parte do autodefesa. Sou coordenadora daqui que fica olhando os barraco a noite pra ninguém vir mexer. Tem eu, Alan. Junior, Negão, Enoque e tem os apoios. O Júnior mais o Negão fazem parte do setor e é eles que orienta nós, o que a gente tem que fazer, como reagir numa situação de invasão, de alguém vir tentar invadir, a gente já sabe, o que fazer.

E o movimento pra mim, nossa senhora. Aqui foi um lugar que me acolheu, onde eu me sinto bem. Tanto que eu moro aqui. E eu hoje aprendi muita coisa com o movimento porque ele resgata vidas. E hoje eu acho que evolui muito na maneira que eu cheguei. Eu sou totalmente diferente.

(Geraldo) Você chegou quando?

(Natalia) Eu cheguei dia 4 de novembro. Tem 6 meses que eu to aqui. Desde o começo deste acampamento (quer dizer que ele tem 6 meses) Seis meses, né, Nildo. E aqui eu encontrei pessoas que eu jamais pensava encontrar, amigos que eu não revia há muito tempo, porque eu to aqui faz muitos anos em São Paulo.

(Geraldo) E o acampamento quantas residências, não sei como vocês chamam aqui (acampados).

(Josenildo) Acampados nós temos cadastrados 2500 pessoas. Acho que até um pouco mais. (mas não significa ter 2500 que moram aqui?) Não. Mas chega bem perto porque o espaço não cabe todos os barracos, mas acho que passa de 2 mil, 3500 pessoas.

(Natalia) E morador tem 20 pessoas, ao total.

(Josenildo) Agora, aqui nós temos as pessoas todos os dias, 9 grupos de acampados e cada grupo nós temos uma cozinha coletiva, banheiros coletivos, onde as pessoas se reúnem praticamente todos os dias e lá preparam suas refeições, coletivamente todos almoçando, tomando café, jantando. Recebemos doações todos os dias.

(Geraldo) Doações de onde? De quem?

(Josenildo) De várias pessoas, no geral. Eles nos doam o alimento de cada dia pra todos os acampados e tudo aqui é recebendo doação e distribuindo entre si.

(Geraldo) Então são 9 grupos, 9 cozinhas e os grupos se reúnem em torno das cozinhas.

(Josenildo) A confraternização de todo dia em torno da cozinha. Isso vem nos dando a ideia de fortificação do grupo. Nessas cozinhas há uma troca de ideia, uma bate-papo e isso vai fortalecendo e abrindo a mente, como a Natalia falou, a gente vai melhorando a cada dia.

(Natalia) Cada dia é uma conquista.

(Josenildo) Então aqui no espaço onde nós tamos é uma união de várias pessoas, vários grupos, construímos esse espaço coletivo onde acontece as aulas, cursinho pré-vestibular, aulas de alfabetização, aula de dança, ginástica, aqui nós temos o bazar, aqui fora tem o salão de beleza que começou funcionar tem um mês. Aqui nós temos pra comunicação interna a rádio poste onde as pessoas recebem informação.

(Geraldo) E a rádio é aqui nesse local?

(Natalia) A rádio é, ele é o locutor.

(Geraldo) E a aula?

(Josenildo) A aula de ginastica aqui e do cursinho também.

(Natalia) E a trilha aqui também que a gente faz nossas reuniões a noite. (Se chama trilha?) Se chama trilha.

(Josenildo) A trilha é o setor de segurança na ocupação, aqui os acampados, as pessoas que estão aqui conosco todas as noites, se reúne aqui grupo de 60, 70, 100 pessoas. Onde a gente vai rodar o terreno por toda noite fazendo a segurança dele. é um espaço que está aberto, então a gente tem pessoa que quer usar droga, praticar abuso, então a gente cuida desse espaço, o setor de auto-defesa que a Natalia é coordenadora é quem faz essa segurança toda noite e todo dia.

(Natalia) Até 6 horas da manhã. Nós entra das 11h as 03h, e das 03h as 6h. Que são 2 turnos. A gente explica como é nossa trilha e cada um respeita, não tem esse negócio porque é homem, mulher. Não pode entrar pessoas bêbadas, drogadas, de maneira nenhuma, na trilha não.

(Geraldo) Trilha é o espaço do acampamento?

(Josenildo) O acampamento tem um espaço e essa segurança que é feita é denominada de trilha, porque a gente trilha todo o espaço. Rua por rua.

(Natalia) é até lá em cima.

(Josenildo) Então a noite, a Natalia separa as pessoas em grupos e os grupos fazem umas voltas.

(Natalia) E a gente faz nossa parte, aqui somos uma família que é um pelo outro, um toma conta do outro. Isso se chama companheirismo.

(Josenildo) E esse companheirismo, essa prática que existe entre eu e ela, entre todos, a gente não conhecia essas 3500 pessoas aqui e a gente começa a praticar esse companheirismo e vira uma grande família. Como ela falou um trabalhando pelo outro, protegendo o outro, um cuidando do outro, sempre com a mão estendida pro outro.

(Natalia) Querendo ou não pega um afeto, um carinho, tem pessoas que a gente se identifica mais, outras que a gente traz pra perto da gente. A gente sempre acolhe, qualquer pessoa que chega aqui.

(Josenildo) A ideia do movimento é agregar, ajudar, venha de onde vier, da forma que

vier, você pratica o companheirismo, o respeito, a tolerância, a mão estendida. E essa prática cada dia te coloca naquela forma, de você não ler direito e alguém te ensinar sem crítica, de você não ter o visual lindo, mas que você é igual a mim, você é tão bonito quanto eu, você é tão querido quanto eu, você é tão agradável quanto eu e assim por diante.

(Natalia) E querendo ou não a gente pega amor pelas pessoas. Não deixar ninguém agredir ninguém com palavras querendo um ser melhor que o outro porque aqui dentro não tem isso, é cada um igual, aqui não tem isso?

(equipe) Como é a interlocução com o poder público, quem é que faz isso?

(Josenildo) Todo o coletivo. Quando a gente tem que falar com o poder público tem um líder no momento, que puxa a fala, mas o grupo todo se une nesse instante. Nós tivemos um exemplo agora, dia 18, onde tava sendo votado pelos vereadores a lei da terceirização sendo implantada pelo novo prefeito de SP e nós saímos, nos reunimos numa passeata até a Câmara dos Vereadores e lá nós conseguimos barrar essa votação e temos uma reunião pra ser explicada o que é essa lei de terceirização que ele quer e vai ser feita com audiência pública, através desse ato.

(Josenildo) Então a nossa conversa com o poder público tem que ser sempre com um ato de eu quero falar de verdade, eu quero que você me escute. É nesse momento que a gente encontra todos os companheiros falando essa mesma voz. Chega um momento que eles não tem como não nos ouvir. Vai ter que ouvir, porque nós estamos aqui. Mil, 2 mil, 3 mil, 4 mil, 10 mil nós levamos pra prefeitura de SP contra os abusos do prefeito com as ordens de despejo, contra o abuso com os moradores de rua que tava acontecendo aqui em SP e acho que ainda tá. Então a nossa forma de falar com os órgãos públicos e os governantes que nós elegemos, é dessa forma. Eu quero falar com você e se não me ouvir a gente vem aqui com o que for preciso.

aqui do lado, tem um conjunto habitacional onde as pessoas tavam lutando por um ônibus há 20 anos, em 3 meses de ocupação nós fomos bater na porta da Secretaria de Transportes com 2 mil pessoas e no mês seguinte nós temos o transporte aqui dentro do conjunto. Então nossa forma de falar é dessa forma, eu quero falar, você tem que me ouvir. De alguma forma você vai me ouvir, nós vamos ficar aqui na sua porta, até você nos ouvir.

E aí no momento é escolhida essa comissão porque nós não vamos conseguir entrar na sala do secretário com duas mil pessoas, então entre todos aqueles ali são rapidamente eleitos a comissão que vai falar.

(Geraldo) Se quiserem falar mais alguma coisa, podem falar. Sabe que não vai sair tudo...

(Josenildo) Acho que foi dito tudo que é importante, nossa união, nossa força de trabalho aqui. Quando nós chegamos numa ocupação não tem nada, só capim, erva daninha, aí essa força de ajuda, essa prática de companheirismo nos dá hoje a limpeza que nós temos, a montagem de barraco, esse espaço que temos pras nossas reuniões, pras aulas, pra receber as pessoas. Num lugar melhor porque o acampamento a gente sabe como é, lá é barro, você tem que pisar na lama. Então a gente tem que preparar um espaço pra receber as pessoas e tudo isso aqui é feito com companheirismo através de mutirão onde a gente recebe todos e cada um tem a sua ideia onde discutimos e colocamos em prática, se ela for uma ideia boa pro espaço.

(Natalia) Criatividade.

(Josenildo) A criatividade aqui é cada um tem uma ideia e traz isso e a gente leva também e assim que é feita as coisas aqui.

(Geraldo) Agora nós não podemos esquecer, você vai trazer o violão e a gente tem que botar no nosso plano de trabalho, uma trilha no dia que nós viemos. A gente vê a hora que pode fazer...

(equipe) Nós nos encontramos numa cidade que tem um nome muito bacana, Vitória da Conquista.

(Geraldo) Sabe porque é aquele nome lá, contra os índios.

(Natalia) Eu vou ficar muito feliz se vocês vir aqui participar da trilha com a gente.

(Geraldo fala sobre a organização pra a próxima visita)

(imagem da placa da rádio)

(imagem do salão de beleza)

(senhora pergunta sobre a máquina de cartão do salão)

(vista da comunidade)

(vista interna das ruelas)

(imagem sanitário)

(vista interna da ruela)

(imagem dos barracos)

(imagem dos barracos)

(dentro do carro)

(Michel) as nossas conquistas são a base da vida, antes do minha casa, minha vida nós fazia 10 anos fazendo luta sem conquistar nada, não tinha programa de habitação, a gente só ocupava a terra.

(andando pelo terreno)

(Michel) a gente tá conseguindo negociação, tem perspectivas boas de uma parte do terreno porque é zona de interesse social do Plano Diretor, eles te, a obrigatoriedade de buscar uma parte do terreno pra moradia de interesse social, então mesmo se a gente não tivesse nenhum movimento aqui eles teriam que dedicar uma parte do terreno pra habitação popular.

(Maria) Mas aí seria uma parte menor?

(Michel) Não, eles fazem o cálculo. Vai ser dois lotes, vai desmembrar e dois lotes pra construção de empreendimentos. Aqui é um G, uma cozinha lá, que é o G6. (e essa divisão de G é como?) É pelo número de famílias que a gente determina pra não ser uma estrutura só de assembleia. Uma estrutura de organização por grupos de família, que elegem os seus coordenadores. E aí nós temos na ocupação uma média de 200 famílias por G, somos em 9 Gs. Aí tem esse que é o G8, a cozinha.

(Michel) aí a gente tá indo no G7, essa parte aqui é G6 ainda.

(Michel) Aqui é meio pantanoso.

(Michel) (bate no balcão da cozinha) por onde vocês entraram? Ah pela lateral.

(Michel) Gente, pessoal tá vindo dá uma filmada aí. E aí? (Tem uns trem na panela) Vai demorar? (não aqui pegou pressão é rápido) Vocês são de origem nordestina também. Eles estão fazendo um documentário sobre a migração nordestina e tão interessados em fazer nas ocupações. E aí a gente vai colocar isso e ver quem de vocês querem participar do documentário pra fazer esse depoimento.

(Josimar) a minha cidade é divisa de Bahia com Minas, eu me tornei mineiro, nasci em Minas por um acaso do destino porque na minha cidade na Bahia não tinha hospital e aí tinha que ir pra outro estado nascer.

(Maria) E como chama sua cidade?

(Josimar) Pouso da Mata, na Bahia. Já é próximo a Teixeira de Freitas, município de Nova Viçosa. O Angel é francês? (é espanhol) Porque o museu de Frans fica 20 km da roça do meu pai, onde a baleia jubarte se reproduz, o único lugar do mundo onde maiores seres da terra se reproduzem, lá em Abrolhos. E de lá, na minha cidade é 40 km mais ou menos. Um lugar bonito e com uma história maravilhosa.

(Maria) E você veio pra cá quando?

(Josimar) Eu vim pra cá há 6 anos, tava trabalhando lá e meu tio me chamou pra vir pra cá trabalhar com jardinagem, ele já trabalha aqui há 17 anos, 20 anos. E vi que trabalhar aqui como ajudante de jardinagem era mais lucrativo do que trabalhar aqui como técnico de segurança, fazer faculdade de administração, tinha feito técnico em agropecuária e não tinha o salário de ajudante de jardinagem aqui. vim pra poder fazer um teste, ficar um mês e to há 6 anos já.

E a família toda veio, aqui na ocupação somos 16 pessoas da mesma família, que veio uma pessoa só trazendo os outros e casando e a família vem crescendo de lá pra cá. Todo mundo saindo da terrinha. O difícil é sair um, quando vem um vai puxando os outros e saindo.

(Maria) Então você tá aqui com seus irmãos.

(Josimar) eu to aqui com meus tios e agora com minha esposa e minha filhinha. Minha esposa que eu conheci lá na Bahia com 5 anos, a gente veio se reencontrar aqui em SP E namoramos e temos uma fillhinha. (e faz o que) Hoje me ajuda aqui em casa e no serviço

de jardinagem, tá querendo fazer um cursinho agora que nossa filha tem 2 anos. Antes era mais difícil e agora aqui essa luta na ocupação pra poder sair do aluguel. Que é o sonho de muitos de nós que vem do Nordeste pra cá e trabalha por 5, 10, 20 anos e muitos de nós não consegue a moradia própria, a casa própria.

(Josimar) Que sai de lá com esse intuito, é muito difícil o cara que sai de lá pensando em morar em SP. A gente vem com o intuito de juntar uma verba e voltar pra lá, constituir família lá e criar lá. Mas as circunstâncias da vida, é esse ano, ano que vem eu vou, e a pessoa vai nesse clima e muito de nós tá aqui há 20, 30 anos e não conseguiu a casa ainda. Como alguns parentes meus que tão aqui há 20 anos e não tem casa própria ainda. E aí quando a gente descobriu o movimento do MTST falou opa, maravilha, a gente tá aqui perto, vamos ver como que é?

(Maria) E isso tem quando tempo?

(Josimar) Dessa descoberta do movimento, bom meus familiares tão aqui há 20 anos e descobriram agora há 6 meses porque já conheciam mas tinham preconceito como eu tinha. Já ouvia falar, o movimento mais conhecido é o MST. E depois a gente ficou sabendo do TST mas não sabia como era. Aí uma tia da família que tinha sido do G1 sabia como era, ela queria vir, mas ninguém queria vir. Todo mundo, ah mas isso não dá certo, isso é de vagabundo, essa era nossa cabeça porque é o que a grande mídia ensina a gente. E aí a partir de uma, hoje são 17, só ficou um que não veio de todos que moram aqui em SP porque não tem tempo e a esposa já tem luta em outro lugar e não daria pra ter duas lutas. E só ficou um, o restante da família foi todo mundo convertido e agora o sonho da casa própria tá mais perto, a gente consegue enxergar com um horizonte mais próximo. A partir de agora com esse movimento, dessa luta, das informações que vem e de saber os direitos que temos, agora a gente consegue enxergar já esse horizonte da casa própria bem mais pertinho da gente.

(Maria) E você mora no Capão?

(Josimar) eu moro no Grajaú e meus familiares moram todos aqui e como lá não tinha ocupação e tava passando apertado com o aluguel, eles me falaram e eu vim pra ver como é. Aí vim ,gostei e não me contentei em ficar apenas com um barraco e quis me dedicar mais. Aí me prontifiquei a entrar pra coordenação de um dos grupos que é o nosso G7, que nós dá muito orgulho, graças a Deus.

(Maria) E o seu G7 tem quantas famílias?

(Josimar) inscritos tem mais, mas hoje envolvido estamos na faixa de 200 famílias, vem nos mutirões, de sábado e domingo. Na semana santa que a gente passa com as famílias, os coordenadores organizaram aqui a peixada da sexta-feira santa, a linha de família que o G7 tem é uma linha de família de pessoas que eram do bairro, na sexta-feira santa boa parte dos nossos acampados vieram passar aqui, comendo peixe, partilhando, conversando. E todo mundo da raiz do Nordeste porque lá a gente reúne muito, a gente consegue.

Ainda hoje lá é muito viva a questão da cultura, da sexta-feira Santas, do sábado de Aleluia, de malhar o Judas e aqui em SP se a gente não se apertar, não se aperrear pelo bom sentido da palavra, a gente deixa essa tradição morrer. É isso que o Leomar tava com essa ideia de agora nas festas juninas a gente fazer uma festa lembrando nosso Nordeste, uma quadrilha. Com comidas típicas, que todos que possam vir com a gente possam relembrar sua cultura e saber de onde veio e valorizar isso.

Minha filha hoje não sabe o que é o Nordeste, a filha do Leomar também não sabe. Mas

elas podem ficar sabendo a partir a gente manter a cultura viva e mesmo longe do Nordeste, não deixar o Nordeste sair da gente.

(Maria) E você já voltou pro Nordeste nesse tempo que tá morando aqui?

(Josimar) Voltei a passeio. O primeiro ano foi mais difícil, voltei 4 vezes. A cada 3 meses eu ia ver mainha e painho. Aí um camarada sempre vem, deixa a namoradinha lá e quer voltar, aí descobre que levou um galho, aí desilude logo (risos). Deixa esse negócio pra lá e aí caça jeito de encontrar outra coisa por aqui. Todo ano, final de ano, natal, sempre passei lá com meus pais.

(Maria) Seus pais continuam lá.

(Josimar) Meus sogros continuam lá também. Meus pais na Bahia e meus sogros em Minas que é tudo divisa e passava Natal com meus sogros e Ano Novo com meus pais. Agora esse ano não deu pra poder viajar por questões financeiras. Meus pais são o contrário, meus avós moram em SP no interior do estado. Às vezes meus pais ficam 3 anos sem poder vir, 4 anos e a família vai distanciando, porque a distância e a condição financeira aperta um pouquinho. E você Leomar, tem quanto tempo que você não vai lá?

(Leomar) Tem um tempinho já. Cheguei aqui tava com 16 anos, hoje to com 29, fui lá na Bahia umas duas vezes só. É porque assim, foi o mesmo caso dele. Um veio primeiro, meu irmão mais velho, que nós somos em 5 e por último ficou eu e a gente acabou vindo todo mundo pra cá. Minha mãe e meu pai fala vou passar um final de ano aí, aí vem pra cá e passa 3, 4 meses e fala assim, agora vou ver como tá a casa, volta e passa um ano lá e a gente tá sempre convivendo junto, apesar desse tempo que eles passam fora a gente tá sempre procurando ficar junto.

Eu cheguei aqui em 2002, to aqui até hoje e fui lá duas vezes só (e seus irmãos todos continuam aqui?) Todos continuam aqui, tem 2 com nós aqui também e aí a gente tá indo, tentando sempre segurar nossas origens nordestinas e vamos ver...

(Maria) A sua esposa também é...

(Leomar) Não, eu conheci ela aqui. Mas ela tá firme e forte e a gente tá tentando programar essa festa pro mês que vem e vamos tentar montar nossa quadrilha, pular fogueira e é isso aí.

(Maria) E você tá aqui no movimento tem quanto tempo?

(Leomar) Tem 5 meses que nós vamos fazer. Primeiramente a gente chegou e era na parte de lá, aí depois nós viemos pro lado de cá também. Eu também não conhecia o movimento, conheci através do pessoal que tava aí fora chamando a gente pra conhecer o movimento, pra tá vindo lutar pela nossa moradia, que acredito que seja o sonho de todos. Aí eu vim conhecer o movimento e falei, aqui eu posso tentar conseguir meu objetivo e ajudar o próximo também. E nesse intuito eu acabei virando um dos coordenadores do nosso G7.

(Maria) E agora vai voltar quando pra Bahia?

(Leomar) Agora não sei não porque minha mãe tá pra vir e até agora não chegou, né? Mas eu tava programando pra ir agora no meio do ano que as festas juninas são bem legal, mas aí eu vou dar uma segurada porque eles tão vindo pra cá. Então eu ir pra lá e eles virem vamos desencontrar.

(Maria) E de onde você é na Bahia?

(Leomar) Eu sou lá deu uma cidade pequena chamada Juçari, fica próxima de Itabuna, Ilhéus. Eu sou de lá e hoje meu pai tá morando um pouquinho afastado, meio que num povoadozinho.

(Maria) E ele mora num sítio?

(Leomar) Não, ele mora em casinha mesmo. Na verdade ele vem pra cá e volta por causa da casa. Lá era casinha de barro e aí a gente conseguiu derrubar, mandar um dinheirinho e conseguiu construir uma casinha de tijolo baiano mesmo, numa estrutura melhor do que a gente se encontra antes e agora ele vem pra cá e volta pra lá.

(Maria) E você fazia o que aqui em SP?

(Leomar) Hoje eu to trabalhando com meu companheiro, com jardinagem. Mas eu cheguei aqui trabalhando já. Já cheguei com serviço certo, comecei a trabalhar na metalurgicazinha e fui comecei a fazer uns cursos, fiz curso de segurança, trabalhei de segurança, aí voltei pra metalúrgica, trabalhei como vendedor e quando cheguei aqui tava desempregado, fazendo bico. Aí cheguei fazendo bico e agora a gente tá conseguindo trabalhar juntos.

(Maria) E vocês fazem o que? Jardinagem de qual tipo?

(Josimar) Manutenção de jardim, agora a gente tá trabalhando em obra, colocar terra, colocar plante e quando a obra tá parada, sempre atrasa alguma coisa a gente vai pra manutenção, vai nas casas, podar as flores, tirar folha seca. Mas o Leomar não contou tudo, ele iniciou faculdade de direito.

(Leomar) Eu iniciei, mas tive que parar pelo financeiro porque quando trabalhava na Metalúrgica eu tinha uma renda que conseguia pagar minha faculdade, mas aí como eu saí, em 2014, quando começou a crise eu não consegui mais manter, tive que trancar e to esperando a oportunidade de estudar de novo. A gente se afasta, mas não se desliga nunca, logo mais eu quero voltar.

(Maria) Você fazia onde?

(Leomar) Fazia ali na Unip, cursei lá 2 semestres. Demais, era uma área que achava que ia ficar louco de tanto estudar, mas depois que eu comecei vi que aqui realmente era minha área e aqui que quero continuar, mas devido aos problemas de trabalho...

(grupo reunido)

(Michel) Boa noite companheirada, hoje nós temos uma série de pautas pra tratar porque teve o encontrão hoje e reforçando é preciso ter maior participação nos encontrões gente, encontrão é uma vez por mês e é fundamental porque é onde a gente faz a análise de conjuntura e traça as linhas, os encaminhamentos pras nossas lutas e a coordenação tem um papel fundamental de t[á] nesses espaços pra tá construindo junto as lutas e tá depois passando pros acampados o que a gente precisa estar construindo. Vocês tem que conversar entre vocês pra ter no mínimo uma coordenador de cada G, no mínimo nos encontrões.

Hoje reunião de coordenação quem se expõe a fazer a relatoria, gente? Josimar faz a relatoria então. Vamos montar então os pontos de pauta, companheirada. Tá na página lá Josimar? Então gente, um ponto a greve, né e a nossa ação na greve.

O outro ponto é sobre em que pé que estão a partir da conquista na Paulista, como tá o avanço das etapa da ocupação minha casa, minha vida e a gente como é que tá em relação a nossa ocupação. e o terceiro ponto é vinculando pra gente retomar umas questões, tá reforçando com a nossa base a questão da reforma da previdência vinculando com a reforma trabalhista. E também informando que a gente vai ter um espaço pra companheirada que tá filmando aqui explicar certinho o que é essa filmagem aqui do nada com a gente hoje.

(Michel) tem algum ponto pra introduzir? Os informes do mais, cursinho e acho que tem o informe também da questão da creche. Vamos dar início? Vamos começar com os informes então, Josimar, Liomar ou Karina pra dar o informe do que foi o cursinho do Mais que a gente foi fazer debate da companheirada sobre a questão da greve geral, como foi, quem de vocês pode começar?

(Karina) Hoje a gente teve lá no Mais que é aqui no Capão Redondo, tinha uma galerinha legal, acho que mais de 50 adolescentes, cerca de 16 anos. E tava super discutindo, assistindo vídeo, fazendo cartaz sobre a nossa greve, a gente teve explicando os motivos das greves pra eles e eles estão empolgados pra participar, tem uma galerinha que vai estar no dia 28 com a gente lá no Largo da Batata, loucos pra tomar um cafezinho lá e foi legal porque a gente conseguiu um vínculo, passa pra eles e explicar a importância pra eles estarem passando, porque a intenção é essa, quanto mais pessoas souberem, melhor. Acho que é isso, é um lugar muito legal e vale a pena, eles também vão estar vindo conhecer a ocupação no dia do nosso sarau, é isso.

(Leomar) A galera também tá focada nesse hábito aí que não é só uma coisa do nosso movimento, é uma coisa que se refere a muitas pessoas também, inclusive os professores que dão aula lá também vão parar, alguns deles vão parar, então a greve geral tá estabelecida. 50 escolas particulares vão parar, então é uma coisa que não é só nosso movimento, tá afetando a todos, inclusive os professores também vão parar dia 28.

(Josimar) E o que a gente pode perceber lá também foi que foi-se o tempo que a juventude ficava somente preocupada com o zap zap e facebook, os caras lá tão com sangue nos olhos como diz a gíria. Os meninos tão antenados, tão perguntando, fazendo perguntas relacionadas a previdência, jovens com 16 anos perguntando assunto da previdência. Quando que a gente viu isso? Olha onde essa opressão do governo levou o pessoal a pensar. Jovens com 16 anos, na década passada, você com 16 anos, Leo, pensava em previdência? Sabia nem o que era, então agora a pressão tá tão grande, o que eles tão querendo fazer com a gente é tão absurdo que os jovens tão se mobilizando em grupos de jovens mesmo, à parte da escola, querendo saber, a gente consegue enxergar nos olhos deles a curiosidade de porque a greve e como vai ser a greve, querendo saber endereço pra eles poderem estar juntos também. Isso é interessante.

Então é o que Leomar falou é mais força pra gente em saber que não é só o MTST que tá se movimentando com isso, que tá mobilizado com isso, a vida tá mobilizado com isso, as pessoas tão mobilizadas com isso, então é só um motivo pra mais força pra gente.

(homem) Posso pegar o gancho? Eu to fazendo um fórum temático da minha faculdade que é sobre ensino médio, da aluna Ana Julia do Paraná, gente jovem de hoje ele tá com a cabeça muito mais evoluída do que a geração passada. Em uma semana de ocupação nas escolas do Paraná, eles aprenderam mais do que todos os anos antigos que eles tiveram, eles abriram a mente pra essa turma que tá vindo somar com a gente é maravilhosa, é sangue novo e eles tem um propósito. É muito bom.

(Josemar) O que tá faltando muito na juventude é um propósito. A gente vê um jovem, que que você quer ser estudar? Quero fazer game, não sei. Então a gente tá conseguindo ter contato com essa galera que tá tendo uma motivação, ter um foco, um propósito.

(Michel) Bora lá gente pras pautas, então. A creche é um informe também no sentido que nós conseguimos juntar as documentações mínimas, tem umas 30 situações ou de transferência ou de criança que não conseguiram estar na creche e o primeiro encaminhamento nosso vai ser protocolar na diretoria regional de ensino pra num queimar cartucho, a gente espera ver se eles dão uma resposta pra gente, se eles não responder a gente ocupa lá e pressiona. Então acho que é mais isso, a gente vai passar depois um áudio no zap pras mães informando de que a gente já tá com a documentação e fizemos a mobilização necessária pra ter um número mínimo agora...

(alguém) Essa documentação tem quantas crianças?

(Michel) umas 30. E esperar que dá pra ter a partir dessa luta continuar mobilizando as mães em torno da questão das necessidades da creche, não só pra atender as mães mas pra gente continuar num processo de mobilização a partir desse primeiro estopim de organização com as mães. Gente, vamos então, na verdade como as pautas estão divididas hoje elas encaminham muito pro foco nosso nessa semana. E eu acho que é importante a gente retomar alguns elementos de como está a situação política e de como o governo tá movimentando as peças de xadrez aí pra tentar levar a cabo as reformas contra os trabalhadores que eles estão fazendo.

(Michel) Então em função da nossa grande mobilização no dia 15 e também o fato que é tão escandaloso a reforma da previdência, o ataque aos nossos direitos, que a gente já vem discutindo e vem trabalhando, que eles não conseguiram convencer a sociedade que é bom isso. Há uma reprovação às reformas muito grandes e houve uma primeira mobilização no dia 15, na Paulista a gente colocou 200 mil pessoas, tiveram paralisações antes, ou seja, várias categorias, manifestações no interior do país e um apoio mesmo do setores não organizado dos trabalhadores eles apoiaram as paralisações não ficaram putos de chegar e ver o metrô parado, muitos apoiaram, Então mostrou que as pessoas não querem essa reforma.

(Michel) eles sabendo disso e já sabendo que é parte de um conjunto de ataques que eles querem fazer, eles tão tentando passar na frente, pedindo por regime de emergência pra votar reforma trabalhista. Eles já querem votar agora a reforma trabalhista, já que a gente conseguiu, eles iam tentar votar no final do mês passado e nós conseguimos barrar por mobilização. E a reforma trabalhista é um escândalo também porque ela vai mexer em mais de 100 pontos da CLT, uma conquista de muita luta que antecedeu até ela existir em 43 e existe desde então muita luta pra que ela se materialize realmente, a vida dos trabalhadores e os direitos trabalhistas não são assegurados pra grande parte dos trabalhadores brasileiros, realmente. E eles tão querendo atacar totalmente a legislação

trabalhista.

(Michel) assim, é um ataque atrás do outro, você pode elencar alguns só pra gente ter uma noção. Eles tão passando e as pessoas não tão sabendo a dimensão do que pode ser essa reforma trabalhista. Então assim, uma coisa escandalosa que eles põe uns nomes bonitos. Negociado sobre o legislado, o que significa? Eles tão querendo a negociação salarial vai se dar direto entre patrão e empregado, independentemente das leis referente ao mundo do trabalho. Então os direitos que você pode negociar pela situação que você tá, o grande desemprego, você tá precisando viver, então nessa situação você vai poder negociar mais de oito horas de trabalho sem hora extra, você pode negociar sem ter adicional, décimo terceiro, todos os direitos asseguradores, esse é um ponto gravíssimo.

Um segundo ponto é o que eles chama de trabalho intermitente ou seja, pela legislação você tem que garantir as 8 horas, o que eles querem é o seguinte, você ser pago só pela hora. Então você vai trabalhar numa empresa e ela acha que precisa de você três horas na semana, você tem que ficar aguardando a empresa, ela escolhe o horário e você tem que estar lá pronto pra receber a empresa, pra receber aquela uma hora e pronto. Acabar com férias remuneradas, ou seja, é um tratoração, é rasgar e destruir nossos direitos conquistados num século mínimo de história do nosso povo.

(Michel) uma outra artimanha deles é essa coisa que a gente já conversou aqui é transformar o trabalhador supostamente numa pessoa jurídica. A gente vira uma empresa e aí você vai ser contratado como se você fosse uma empresa, ou seja, é ridículo isso porque empresa não tem direitos trabalhistas e como empresa você não vai ter assegurado seus direitos. É um subterfúgio pra arrancar mais ainda e dificultar mais ainda. Ou seja, pras elites desse país que conseguiram tomar a máquina total do poder agora, o que eles querem é o seguinte, se eles pudessem revogar a lei áurea e fazer todo mundo trabalhar no chicote de novo era isso que eles iam querer. Pra eles ia ser ótimo. As elites não só nos odeiam, se eles pudessem exterminar a gente, exterminariam, como eles não conseguem viver sem o nosso trabalho, então vamos fazer deles escravos nossos.

(Michel) Então a situação é dramática, é evidente que os processo de votação na Câmara se dão, passa duas vezes na Câmara, duas vezes no Senado e aí vai pro presidente assinar, então é uma primeira votação na Câmara, mas se eles conseguirem passar a primeira votação na câmara vai mostrar que eles tem coesão e força pra tentar manter isso daí e levar a frente na segunda votação, depois do senado, ou seja, eles estão muito coesos. Assim, somado toda essa conjuntura, a gente sabe que esse governo, a abertura das delações da Odebrecht, 8 ministros sobre processos, acusações envolvendo toda a bancada do PMDB. O Temer fizeram uma delação que ele tinha pedido propina de 40 milhões só pra um dos empreendimentos envolvendo a Petrobras quando ele era vice da Dilma.

(Michel) 40 milhões de dólares, o equivalente a gente construir 1600 unidades pra gente de habitação. Atender a gente e umas 3 ocupações aí em termos materiais.

Evidentemente que a gente sabe que são delações, mas isso desmoraliza muito forte esse governo e um governo que não tem respaldo nenhum, a gente tem que enfrentar, um governo que não tem legitimidade nenhuma pra encampar esses ataques tão dramáticos nossa situação de vida. Bom a greve geral vem disso, é uma resposta, já que nós temos o controle e somos nós que faz a sociedade funcionar, as fábricas funcionarem, os serviços funcionarem. Já que nós que entregamos as coisas e fazemos as mercadorias circularem, nós podemos parar isso tudo.

O Brasil, gente, só teve uma greve geral na sua história em 1917, há exatamente 100 anos atrás. A greve geral de 1917, o estopim foi a luta por 8 horas de trabalho que ainda

não existia e regularizar o trabalho infantil no Brasil. Isso foi o estopim pra ter uma grande mobilização nas principais cidades do Brasil e se alastrar, ter uma paralisação generalizada e ter a conquista. A greve de 17 há 100 anos ela abriu os precedentes pras conquistas trabalhistas da classe trabalhadora brasileira e que vai se materializar em lei só em 1943. E é muito emblemático após um ano os caras estarem querendo arrancar algo que é resultado de luta de trabalhadores que nos antecederam e nós não podemos aceitar essa condição.

(Michel) Nós sem teto já tá bem acostumado a fazer luta, enfrentar, trancar rodovia e ir pra cima, nós já mostramos na Paulista, ficamos 22 dias, garantimos que eles não acabassem com minha casa, minha vida entidades e tamo junto com outros setores e outras categorias que tão se mobilizando pra fazer a paralisação. Gente, tem setores e sindicatos, isso foi público que vão querer parar, os aeroviários, o metrô 24 horas o dia todo, os professores, vai ser uma paralisação forte de vários setores, os ônibus, até a tarde vão estar parados, a gente espera que eles consigam segurar pro dia todo e a ideia é uma greve geral em todo país.

E tá muito claro pra gente, é o seguinte. Se esses caras não ouvirem a gente, se um dia de greve não for suficiente, nós vamos construir uma grande marcha pra Brasília porque nós vamos ocupar aquela porra. Se a gente não conseguir, nós vamos fazer isso, pra tentar ocupar pelo menos.

(mulher) Mas Michel...

(Michel) Calma, vamos abrir pras interferências. Então na greve geral, é isso, o que nós vamos fazer na greve geral. Dá um pause aí, um mudo.

(Michel) O fato você tá aqui e não imaginava que há um ano atrás você ia estar sentada num barraquinho desse que chove dentro, com um monte de trabalhador falando nós precisamos parar esse país.

(mulher) Concordo, pra mim há um ano atrás vocês eram todos vagabundos. Sou sincera. Eram tudo vagabundos, não trabalhavam, não tinham o que fazer, que quem tivesse o que fazer não ia ficar fazendo greve, tinha muito ódio, que eu tinha que trabalhar, pegar ônibus e não tinha ônibus porque os vagabundos paravam SP.

(Michel) Aí eu vou ligar com uma coisa. Léó, importante você dizer isso, outras coisas que precisam ser feitas, mas nós trabalhadores sem teto, nós temos que ter consciência que os trabalhadores sem teto sozinhos não vão mudar o país. Nós com os travamentos, com as ocupações de terra, colocamos sem teto na rua pra lutar contra um golpe de estado e contra ataque aos direitos dos trabalhadores, nós estamos fazendo, o que nem um setor do Brasil organizado dos trabalhadores faz há muito tempo, porque tá burocratizado, tá com dificuldade de mobilização. O papel que nós tamo cumprindo é um avanço muito importante, agora sem teto sozinho não muda o país. E a esperança que a gente tem é que uma greve geral, vários setores dos trabalhadores venham pra somar nesse processo de construção. Nós vamos com uma parte do trabalhadores, uma parte ativa, que dá rumo, uma parte que tem capacidade de influenciar e orientar a política, mas é uma parte.

(Michel) Sozinho não faz tudo. Nós mostramos pros trabalhadores, apesar de todos esses ataques, segurando 22 dias no principal centro financeiro do país, na frente dos principais bancos, que diga-se de passagem são os maiores devedores do estado e os mais beneficiados. Pra gente conseguir segurar e não deixar que eles ataquem um programa social a gente deu uma sinalização de fôlego pra classe trabalhadora. E que a gente precisa somar e ir pra cima e fortalecer.

E tem mais um elemento. As coisas, determinadas ações apontam pra fragilidade desse governo e o que a gente pode construir a partir da greve. Gente, os policiais civis entraram dentro do parlamento, quebraram tudo e os caras já tiraram eles da reforma da previdência. Agora, se eles não quiserem nos atender e os setores dos sindicatos resolverem voltar a fazer enfrentamento e se somarem com nós e a gente ir pra Brasília, a gente tem capacidade de criar condições pra barrar esses ataques aos nossos direitos. Nós, o que pode aparentar na defensiva, por estarmos lutando pra preservar direitos, pode estar construindo um avanço de consciência dos trabalhadores a partir dos trabalhadores desorganizados, olharem pros organizados e ver que estão indo pro pau literalmente e que vem com a gente.

(Mulher) Michel, pegando essa ponta que você falou aí que foi há um ano atrás, não foi há um ano atrás, eu entrei no movimento há 5, 6 meses. ver como o movimento vai crescendo, um amigo me trouxe, eu trouxe ela, minha mãe. meu marido, meu filho, minha filha, os dois desistiram, mas minha mãe já passou pra uma outra pessoa e nisso o movimento vai crescendo, então quer dizer, estamos virando uma teia. Estamos crescendo, aumentando e eu espero que o resto da população também igual a gente, que queira ter um futuro melhor quando nós estivermos velhos. Porque nós estamos encaminhado pra velhice, alguns devem ter 20, 18 anos, a maioria tá com 20 pra cima, quer dizer se eles realmente aprovarem, até a gente se aposentar ,será que eu vou? Não sei, porque já tem praticamente quase 5 anos que não pago o INSS. Já temos que parar por aí, tem gente que tem 10 anos, 15. Aí nunca pagou um INSS.

Quer dizer será que ela vai aposentar, não vamos. Se eles realmente aprovarem essa reforma da previdência, coitado de nós brasileiros.

(Michel) A questão de passar pros acampados, a gente ia passar hoje, mas vamos deixar pra passar segunda? Primeiro porque a gente é uma ocupação em terreno que pode fazer várias assembleias com o processo de mobilização. Como hoje a formação da brigada que tá vindo pra cá, duas pessoas por G é dar mais formações sobre a reforma da previdência pra tá preparando a consciência pra gente estar indo pra essa grande paralisação no dia 28. E pro que vai vir depois disso daí. Então a gente deixa pra falar na segunda feira. O travamento vai ser pela manhã, às 7 horas, então a gente vai ter que combinar segunda-feira, certinho, antes da assembleia. Então segunda-feira em ponto todo mundo aqui, nós temos só uma hora de reunião pr gente encaminhar ponto de encontro e os pontos certinhos ali no local. Tudo bem, gente?

(Léo) Michel, segunda feira que data é? Pode seguir depois eu pego...

(Michel) É porque toda segunda-feira a gente tem reunião de grupo, como hoje a gente substitui a assembleia por reunião de grupo, a gente deixa a assembleia na segunda. A mobilização já vem ocorrendo, mas aí a gente faz mobilização com o povo sobre estas questões gerais de preparação pra nossa atividade aqui. E lógico o setor de auto defesa junto com a trilha que vai estar cuidando da parte, que a gente chega lá já tá todo o festeiro em chama e a gente só vai ficar lá e segurar. Nosso papel é montar essa luta aqui. Gente, é o seguinte, quem vai fazer trancamento, não vai estar no grande ato no final da tarde às cinco horas, unificadas as duas frentes, Povo sem Medo e Brasil Popular que é o ato no Largo da Batata, mas coordenação importante estar indo. Porque depois de todo o caldo do dia, da paralisação, quando você para tem que dar visibilidade maior, se a greve só no nome tiver um impacto muito forte, final do dia a ideia é o que. Nesse ato, a gente via marchar até a casa do Temer.

(mulher) Nós vamos acampar lá?

(Michel) Vamos ver o caldo né. Pode resultar gente que no ficou do dia a gente torce que seja uma ampla mobilização, pra ser difícil chegar porque há muita pressão sobre os ônibus, pode ser que ônibus volte a funcionar, mas de ver como agente consegue o máximo de pessoa pra estar indo lá pra nas cinco horas a gente se concentrar no Largo da Batata e marchar até o Alto de Pinheiros, a gente sabe o endereço. Nós ensinamos o povo onde que é, tomamos um pau lá, mas...

(Mulher) Se não tiver ônibus, vai o povo marchando a pé devargazinho igual Jesus Cristo fazia, vamos pegar a Marginal andando, já fecha a Marginal e vamos até (risos)

(Michel) Quando eu era do sem-terra eu cheguei a fazer marcha de 3, 4 dias, os sem-terras fazem marchas longas assim. A experiência do MTST ainda é uma marcha que foi saindo daqui de Itapeverica até o palácio do governo. Que é grande, mas perto do MST é pequeno. O MST já marchou até Brasília. Dias, semanas. Gente, acho que é esse o ponto nosso. Em pontualidade, 7 horas na segunda-feira aqui, beleza? A nossa atividade, dia 28, na sexta. Qual o próximo ponto, Leomar?

(alguém) O avanço, como tá...

(Michel) Bom gente, é o seguinte, nós conseguimos. O que foi nossa vitória foi fazer eles retomar a contratação do Minha Casa, Minha Vida entidades. Com isso, qual foi o primeiro comprometimento do governo golpista quando nos recebeu em Brasília com a gente acampado na Paulista. Nós vamos retomar a portaria do Minha Casa, Minha Vida que eles tinham congelado, nós vamos retomar até o dia 30 de março. No dia 24, eles já republicaram a portaria que define todo o processo de contratação de construção de moradia, houve algumas modificações e a partir dessa portaria, que a gente apresentou por povo porque saiu no diário oficial da união.

(Michel) A gente tem, determinadas ocupações pra reapresentar o projeto até o dia 5 de maio, na Caixa Econômica Federal. Como a gente vem sempre discutindo tem projetos que já têm com alvará, tudo regularizado, contrato de compra e venda com a Caixa, os terrenos e pessoal que já vem de luta de anos. Esses projetos, uma vez avaliados pela Caixa que vi até 20 de junho e de lá ser enviado pro Ministério das Cidades e avaliar quais são regulares pra começar os empreendimentos, esses que são já muito mais avançados vão entrar na frente no processo e pode estar começando aí em julho.

(Michel) Nós, gente, tem que ficar bem claro pra nossa base, a gente vai falando e retomando, nós já estamos enviando as coisas pra Brasília pra já estar deixando pra entrar pedido na Caixa. Nós tem que conseguir alvará, fazer luta na Cetesb, pra avaliação ambiental, na prefeitura, aprovação na Caixa. A gente tá encaminhando com a documentação o que a gente tá avançado na negociação com o proprietário, mas a gente tem muito trâmite burocrático pra enfrentar, não vamos começar construir da gente em julho, isso tem que ficar claro. O fato dá gente estar pedindo e avançando na documentação é porque a gente quer ser o mais rápido possível pra diminuir o nosso tempo e conseguir estar com o projeto pra estar aprovado e regularizado pra ser avaliado em Brasília e ser colocado entre os projetos possíveis.

Mas não já pra Julho. Porque pularia etapas assim muito rápidas, que não tem como, mas a gente tá avançado, pode ter projeto menos avançado aí já envia, a gente corre faz a luta e quem sabe ano que vem. Se não for ano que vem é algum momento e nós já estamos

avançando. As ocupações que tem que entregar a documentação até o dia 5, por isso que nós já estamos pedindo um série de documentações com o proprietários e o pessoal do GTA que tá junto com a gente. Tem a Chico Mendes, 1 e 5, Vila Calu, Deda, Parque Laguna, Faixa de Gaza, Palestina, Paulo Freire, Maria Bonita e Joao Goulart, Esperança Vermelha, Dandara, Povo sem medo do Capão, Vila Das Belezas e Mariguela. Essas são as ocupações que vão enviar até o dia 5, projetos que estão avançados e regularizados e projetos que ainda estão no seu começo, que é o nosso caso.

(mulher) Michel aquela do Horizonte Azul não é de vocês, não, né?

(Michel) É isso que nós temos que ter a conversa com o nosso povo. Pra achar que a gente vai construir amanhã, temos que fazer luta e pressionar órgão público pra avançar nos processo de regularização. Tá claro, isso? Então a gente abre agora pra trocar uma ideia sobre, vamos lá gente, inscrição.

(mulher) só eu que falo, vocês tem que falar também, tirar dúvida, perguntar. Eu não vou falar, me recuso. Deixa os outros falar.

(Michel) Vamos gente, colocar as coisas, vocês que estão no contato direto da base aí.

(alguém) qual a data especifica pro pessoal encerrar o ...

(Michel) Tem que se inscrever companheira, vamos garantir as inscrições.

(mulher) é que tem uma ocupação no Horizonte Azul, que fica la pra baixo do Jardim Capela, enorme. Eu fui lá ontem, dá duas da nossa. A Palestina é a aqui perto do motel, você desce a Palestina e vai embora. Chegou lá embaixo, tem uma empresa de ônibus, passa o Capela, você vai entrar à esquerda ,vai embora lá pra baixão, uma ocupação gigantesca tem até igreja lá dentro.

(Michel) Foco gente, a questão é nossos processos de negociação.

(Léo) Michel, essa informação dessas ocupações pra entregar a documentação foi passada hoje, porque eu lembro que do último encontro que eu fui o Capão não tava colocado e se não me engano, a Palestina tava e não vi você mencionar. Nós entramos na de hoje, a documentação, nosso prazo que a gente tem que passar para os nosso acampados é dia 2 de maio. É isso que a gente tem que passar, não é isso? Minha pergunta era só essa mesmo.

(mulher 2) Michel e o Rosa Luxemburgo e Anastácia, elas também estão providenciando os documentos?

(Michel) A questão do LIS o prazo é até o dia 2, na última assembleia eu perguntei pro povo erguer a mão e a maioria já tinha pego.

(mulher 3) E desse 70% a maioria fica enchendo o saco perguntando a mesma coisa.

(Michel) A coordenadora é isso aí, tem que ter a paciência de explicar pro acampado.

(mulher 3) é que infelizmente eu não consigo participar das reuniões durante a semana.

(Michel) Aí você precisa pros coordenadores que estão juntos com você pedir pra eles te informarem certinho pra você passar a informação. Quando você achar que não tá preparada pra passar determinada informação, veja qual o coordenador teve na reunião e você encaminha pra esse coordenador poder estar informando.

(mulher 3) é não to passando informação que eu não sei, mas cada um passa uma informação diferente como se eles fossem os coordenadores e isso que tá bagunçado. As próprias pessoas, do jeito que você faz seus informes, o pessoal tá fazendo igual e colocando outras datas e por isso tá virando bagunça.

(Michel) Calma aí, tem algumas bagunças. É o dia 2, às vezes os acampados confundem, cabe a gente reforçar. É que antes a data tava pro 18 e nós conseguimos ganhar um prazo maior junto aos órgãos públicos pra estar conseguindo até o dia 2 encaminhar o nosso Lis e até o dia 5 apresentando o estágio desses projetos. Porque a gente entrou, porque a gente conseguiu. Tem uma coisa na nossa situação que cortou algumas etapas que é a situação dos proprietários com relação aos terrenos deles. Eles já tem uma pré ideia pra empreendimentos aqui e como é uma área de interesse social eles tem que entregar uma parte da habitação popular, a luta que nós fizemos, vocês não eram do movimento, no plano diretor é resultado dessas lutas essas áreas tem que ter uma parte dedicada à moradia popular.

Eles já tem um pré-projeto e eles já tavam pleiteando as regularizações, isso cortou uma etapa, mas não é um avanço que tá o Chico Mendes que só falta mandar de novo, se não fosse esse governo golpista já tava de pé as construções, então nós temos que passar por um processo burocrático ainda, mas com já tem alguns avanços com relação a algumas etapas porque os proprietários antes da gente já tavam com um pré apresentação de construir empreendimento habitacional, nós conseguimos aí, juntou a fome coma vontade de comer. Então a gente ocupou o terreno, não sabia, então é isso.

É isso que nós tamos no caminho mais avançado mas não vamos entrar em julho porque não tem tempo, se a gente em 3 anos erguer já é um lucro pra nós, em um ano erguer é o paraíso. Nós temos que a companheiro que tá há 10 anos na luta e não tem seu apartamento ainda.

(mulher4) Se em um ano acontecer nós tem que ir pra Globo.

(Fábio) Eu ia perguntar, você acabou respondendo, se nós entramos na 35 mil unidades que foram liberadas com a conquista na Paulista.

(Michel) Lembrem que as 35 mil unidades é pro país inteiro e pra todos os movimentos, mas o critério de avaliação é em que pé de regularização estão os projetos que serão avaliadas n Caixa e transferidos pro Ministério da Cidade. Se a gente tiver com muito projeto avançado é muito provável que a gente consiga uma quantidade grande. Pra tentar entrar nos 35, todo ano o governo tem que apresentar um número. Se o nosso projeto tiver pronto ano que vem, nós entra no próximo, se a gente conseguir avançar, mas a chance de entrar, porque vai ter algumas levas de contratação desses 35 mil, a primeira leva é pros projetos que tão tudo certo. A previsão, não tendo nada no percurso é que em julho começam a construção.

(Michel) não é o nosso caso, não tem como, nós precisamos regularizar a Caixa, nós precisamos sair do terreno, nossa etapa agora é mostrar que nós temos demanda, do

terreno tá em processo de negociação, o proprietário que estabelecer um compromisso de compra e venda com a Caixa, com o programa Minha casa Minha Vida entidades. E eles já tem um projeto moldado junto com os arquitetos apoiadores, mas o arquiteto do proprietário, então a gente tem uma 'série de coisas que pode apresentar e o que vai voltar pra gente. Vocês precisam ainda avançar em x, y e z e nós vamos fazer luta pra x, y e z, não é pra julho.

(Michel) Eu tinha esquecido do Rosa e do Anastácia, ainda tá briga por terreno então não tem como, fica difícil, não tem projeto. O fato de nós poder apresentar agora, ainda que não entre, mas já cria os caminhos pra uma próxima leva, é que a gente conseguiu essa coisa de cavar junto com a prefeitura pela nossa pressão, nossa luta e a situação do proprietário que ele tem que dedicar uma parte à moradia e pra ele é óbvio, ia ser mais difícil conseguir um financiamento pra produzir pro faxia 1 e o fato de ter um movimento social que faz pressão ele brilhou os olhos e até o presente momento tá bom pra gente nesse sentido.

(Michel) Mas temos que avançar muito ainda gente. Imprimir fé no povo é papel de vocês, o militante é um militante de fé, só que a fé não é cegueira é você mobilizar esperança sabendo que pra se efetivar algo você tem que ter esperança pra caminhar pra aquilo, mas não a cegueira, sempre retomar com nosso povo, que não é amanhã que vai construir apartamento aqui, nós estamos em luta ainda. E vamos ter que lutar, em porta de prédio público, se preparem. Tudo bem esse ponto, gente?

Qual o próximo ponto de pauta? A equipe de filmagem. Aí vocês podem falar aí gente, entrem aí.

(Geraldo) explica sobre o motivo de estarem aí fazendo a filmagem e o tema do documentário.

(Michel) Complementando a fala do companheiro é muito importante o papel que eles tem dos documentários e estarem vindo aqui filmar, o que vai ser legal e já foi iniciado hoje, do pessoal que foi entrevistado aqui, se não é nordestino, pai e mãe veio de lá e tá entrevistando o pessoal pra saber porque veio de lá, quais as razões, eles vão filmar, hoje já iniciou fomos bater um rango na cozinha do G7, já fizeram uma filmagem com o Leomar e o Josimar, o Nildão vai dar entrevista e vocês estarem vendo na segunda-feira de colocar quem tá afim de contar sua história porque veio pra cá, como veio pra cá, como tá vivendo aqui, comparando a vida aqui com a vida de lá, o que deixou pra trás, o que criou de novo. Vocês estarem na segunda-feira e passar a lista pra quem der o nome porque o pessoal tá fazendo filmagem em vários locais com pessoas distintas e o tempo deles é apertado. E no sábado eles vão vir aqui pra dar continuidade a filmagem, a oportunidade de contar nossa história e tornar visível. A tv e a grande mídia tenta invisibilizar o trabalhador. é importante a gente ter essas iniciativas documentadas que vão mostrar nossa vida, nossa história, nossa trajetória, de onde viemos e pra onde vamos.

(Geraldo) fala sobre as possibilidades de gravação de trazer uma pessoa pro acampamento.

(encerramento com salva de palmas e organização sobre a formação que vai acontecer em seguida)

DATA: 29.04.2017

OCUPAÇÃO MTST

CAPÃO REDONDO 02

SÃO PAULO - HD VI

Grupo conversa entre si na sala

(imagem das ruas feitas dentro do carro)

(equipe conversa dentro do assentamento, conversam sobre a trilha)

(equipe) A trilha é de quanto em quanto tempo?

(Alan) A trilha? A gente tem dois horários, das 11h às 03h. A gente começa a trilha à meia noite, que é o horário da reunião, tem pessoas que trabalham e tem gente que chega 00:05, 00:10, a gente dá até esse tempinho pra eles, ajudam eles. E a partir disso a gente faz a reunião, separa os grupos, tem os coordenadores, tem os apoios e a gente pega e divide esse pessoal e a gente desce, conforme as condições do clima. Porque se tiver chovendo, se o terreno tiver molhado, não descemos. porque a gente vai acabar sendo responsável por eles, que tem gente que trabalha e depende das pernas, dos braços.

(Geraldo) Quantos fazer a trilha?

(Alan) Então, vareia. No começo da ocupação, tinha vez que vinhamos só os coordenadores e mais ninguém, a gente tentou massificar e o pessoal acho meio estranho, ficaram com medo porque tem muita mulher...

(Geraldo) Mas você faria um trecho da trilha ainda hoje, antes de escurecer?

(Alan) Faríamos, sim, o terreno está meio molhado, aí é trilha de risco e a gente dá preferência às condições do acampado que vem pra cá.

(Geraldo) Mas não precisa ver em área que tenha risco, só pra mostrar como é...

(Alan) Se vocês quiserem vamos lá

(Maria) Não fico claro o que é a trilha, vamos começar do começo...

(Alan) A trilha se baseia em cuidar da ocupação, porque tem pessoas que moram aqui, Então, a gente valoriza. Como a gente mora numa periferia, tem pessoas que vem usar droga, tem pessoas da rua que vem usar droga, já chegaram a pular o muro, fugindo da polícia, então o que a gente faz, a gente cuida da ocupação. A gente junta a nossa equipe e o pessoal que faz as trilhas também, os acampados que estão na luta, para eles estarem assumindo essa responsabilidade com a gente e em troca disso a gente oferece um ponto. Que é somado na enquete deles, que isso tudo dá o resultado final. Porque tem os pontos das pessoas que fazem a trilha, o ponto do mutirão, o ponto do pessoal que vem nas reuniões, nas assembleias, nos atos.

Então a trilha também a gente oferece um ponto, tem o horário das 11h às 03h e das 03h às 06h, cada horário desse a gente oferece um ponto, então beneficia todo mundo, a todos. E faz bem.

(Geraldo) O que é um ponto?

(Alan) Esse ponto é somado na pontuação final, o dia que recebe o apartamento, antes disso a gente soma todos os pontos e quem tiver no verde vai receber as chaves primeiro, entendeu? A gente não pede dinheiro em troca, nem nada, mas a gente quer a colaboração dos acampados e do pessoal que tá na luta. Então, esse que é o ponto, assim que funciona a pontuação, entendeu? Alguma pergunta?

(Maria) Mas vocês controlam isso de que maneira? Cada um tem uma carteirinha? Na prática, como isso funciona?

(Alan) A gente trabalha com uma folha, nessa folha que vem direto do casarão, já vem imprimida, vem a pontuação, se quiserem a gente pega pra mostrar pra vocês (É bom) Vocês querem que pega agora? (Pode ser depois) Aí nessa folha a gente marca o G da pessoa, o número do barraco e o nome completo e o horário que ela vai fazer. E isso é somado pra todos, aí quando é no final do mês, a gente entrega, tira nossa xerox, que fica uma via com a gente e outra vai pro casarão que é a administração geral. E lá, eles somam junto com o nome da pessoa. Isso tudo vai ser enrolado no ponto de assembleia, de mutirão, de reunião de grupo e de atos, entendeu? E tudo isso faz uma soma só pra no dia que sair a chave, vai estar todo histórico da pessoa ali. Isso nada mais é que um comprovante que a pessoa esteve aqui junto com a gente, que ela somou e ajudou a fazer a trilha com nós. Então, esse é o pedaço que entra a pontuação, esse é o nosso controle, o que fazemos.

(Alan) E assim, essa trilha, a gente resolve tudo no diálogo, sempre. A gente desce, a gente forma, já chegamos ao ponto de vir 95 acampados, do horário das 11h às 03h e que a gente faz. Tem a coordenação, fora a coordenação levantamos os apoios, então somos somados em, tem eu, a Natália, de coordenador. Tem o Jeferson, a Maria, o Amauri, o Vanderlei, então somos somados em seis. Aí tem o negão que é do setor político de autodefesa, que foi ele que instruiu nós e tem o Pão. E que o nome dele é Júnior. Eles foram as pessoas que instruíram nós pra gente estar aqui hoje, passar pras pessoas e fazer a reunião com eles. A partir disso, eles levantaram a gente e a gente está levantando os apoios, a gente vai ver se eles são aptos a estar junto com nós pra coordenação e o nosso serviço é esse. Se aparecer algum problema, se alguma pessoa discute com a outra, esse é o nosso setor, da autodefesa. A gente tá pra apaziguar e resolver a situação, somos agregados com a organização, a gente passa pra eles e depois a gente faz uma reunião, é assim que a gente trabalha. E fora isso a gente tem a trilha que é o nosso controle. Que a gente que passa pros acampados como eles tem que vir vestido, que eles tem que vir de preto ou cores escuras porque quando a gente desce gente tem que surpreender os acampados ou quem tiver agindo de má fé. A gente não pode ir pra ser surpreendido, então não pode ter barulho, celular ligado, tem que estar no vibrador, a lanterna a gente usa só em último caso, que é se por um acaso a gente encontrar alguém lá.

(Alan) e temos tudo aqui, tem as falas, o modo do acampado pra ele estar vindo, não pode vir alcoolizado, com algum tipo de entorpecente na mente porque isso vai influenciar a gente tá aqui pela moradia, a gente vem aqui pra trabalhar, não somos remunerados e nunca vamos ser, mas em troca disso, a gente tá em um serviço sério, você entendeu? Com o objetivo da casa própria, do apartamento que é o caso dessa ocupação aqui. Então o pessoal, os acampados não pode vir alcoolizado, a gente faz a reunião, não pode vir de chinelo, tem que vir de bota, tênis, roupa escura. A gente tem uma pauta só pra mulher que tá até aqui ó.

(Alan) Que as mulheres, ela tem um papel fundamental aqui na trilha também, quando a gente desce lá pra baixo se tiver um casal brigando, eu sou homem, se tiver um casal eu tenho que falar com o companheiro que é marido da mulher, a companheira que vir fazer trilha, a fala dela é com a companheira que tiver lá, porque se eu falar com a mulher, eu não sei como vai ser a briga, se tiver brigando por causa de ciúme, tem vários fatos, tem vários fatores que pode ocasionar uma briga, então eu não posso jamais estar falando com a mulher, porque se eu tiver falando com a mulher o cara pode estranhar, eu posso estar na minha razão, tentando apaziguar a situação, mas o cara pode estranhar e eu posso perder a razão, então somos instruídos pra colocar a mulher na trilha pra ela mesmo estar falando com a mulher e o homem com homem.

(Alan) Tem a pauta aqui das reclamações, condições dos acampados, respeito, tem uma pauta aqui também sobre incêndios, que é assim. Chega um acampado do serviço, muitas pessoas que moram aqui, ele chega fuma ou acende uma vela dentro do barraco, ele pode estar dormindo, estar cansado e ir dormir. A vela pode acabar e encostar na lona ou o cigarro cair do dedo, pegar na lona e ocasionar um incêndio. Então o que a gente faz, quando a gente desce pra trilha, se acontecer uma ocasião dessa a gente separa o nosso grupo, pega as pessoas mais aptas que tem pra estar cuidando desse incêndio. A gente pega um barraco, uma lona ou tapete molhado, qualquer coisa que tiver em volta e joga em cima do fogo. porque o fogo todo mundo sabe que ele é movido por oxigênio. Sem oxigênio ele não funciona, pode ser loucura né, plástico jogar em cima do fogo, mas funciona.

(Alan) então o que a gente faz, a gente pega e abafa, abafou, já acabou. A gente só mata ali tudo que tem em volta, que pode ocorrer o incêndio. Se no caso voltar, a gente pega joga, pega uma água e joga, jamais pode deixar o fogo subir pra pegar um balde de água porque não dá tempo, pega fogo na ocupação inteira. Então a gente faz isso. Se o fogo se alastrar, a gente chegar no momento crítico da fogueira, que ela tem aumentando, ninguém faz nada, a gente sobe liga pro bombeiro e deixa que eles cuidam da situação. A gente não coloca ninguém em risco só se der pra gente controlar o incêndio ou a situação adversas. Se der pra gente controlar, a gente vai esta resolvendo tudo num diálogo ou ação rápida. Se não tiver como, não tem jeito...

(Geraldo) Acho que a gente tinha que fazer a trilha agora porque está escurecendo...

(Alan) Agora é 17h38, 18h já anoitece.

(Geraldo) Porque não faz agora?

(Equipe) Eu só queria saber uma coisa, em caso de violência extrema, vocês tem um protocolo?

(Alan) em caso de violência extrema, o que a gente faz, se por acaso tiver um companheiro brigando com outra companheiro (alguém entra armado, por exemplo) a gente acalma a pessoa a gente trabalha só na conversa.

Se o companheiro entra armado na ocupação, a gente é daqui. então o que acontece, nenhum deles pode pegar e atirar, eles não atiram nunca fazem isso. De repente eles tão fugindo da polícia, estão estressados, então nosso protocolo é sempre manter a calma. A gente não pode sair gritando com pessoas, o cara pode estar com arma na cintura ou com a arma na mão. A gente é instruído pra ter calma, primeiramente tem que vir d gente, pra gente passar pro companheiro, passar segurança, ele estando armando ou não, a gente passa pra ele, tenta acalmar e sempre deu certo. Isso é uma coisa que ele jamais vai. apenas se ele quiser vir atrás de alguém, mas mesmo assim a gente acalma o companheiro, sempre. E isso daí é um fato, não tem como a pessoa disparar uma arma contra nós.

(Alan) já chegou o policial...tem um acampado aqui, ele não se encontra mais na ocupação, a gente já levou ele na reunião e ofereceremos o convite pra ele se retirar da ocupação porque ele trazia muitos problemas pra cá. Ele era fugido da polícia, um certo dia, ele foi preso e nessa que ele foi preso, eu não sei como foi o diálogo entre eles, ele veio aqui na ocupação com a polícia. E eu tava nesse dia, tava lá embaixo, já subindo. Ele desceu com os policiais com a arma em mão, ele pegou e correu, sumiu lá dentro da ocupação. Ele foi por aqui, eu não vi ele, mas creio que ele desceu e já pulou o muro e subiu no mundo. E os dois policiais me pegaram, tava eu e todos os acampados.

Estávamos em 10 e os polícias com a arma na cara, a gente simplesmente conversou, calma, não precisa disso. Eu to procurando tal pessoa, a gente sabe que ele tá aqui dentro e que vocês esconderam. Não, a gente não escondeu, a gente trabalha aqui dentro e cuida disso pra nenhum de vocês vierem armado aqui. A gente tem o respeito aqui dentro da ocupação pra dentro, todo mundo sabe, vocês também sabem que aqui dentro não funciona assim, então vamos fazer o seguinte. Vocês podem estar guardando a arma, a gente pode subir lá em cima e conversar civilizadamente, se vocês estão atrás dele, passem pra gente quem é esse rapaz, o nome dele e porque que ele veio parar aqui com vocês, que a gente pode entrar em contato com ele ou descer pra ver se ele tá lá embaixo ou se ele tá aqui pra tirar ele da ocupação.

(Alan) Porque é dentro da ocupação, de dia a noite a gente mantém a linha do movimento e isso é coisa errada, o companheiro estar fugindo de polícia e vocês estarem vindo armado e policial simplesmente falou, se vocês não achar ele agora, a gente vai destruir tudo aqui e bagunçar com tudo. Aí eu passei a responsabilidade dele, olha companheiro, a gente desce aqui pra cuidar das famílias, se você quiser descer pra bagunçar, você vai descer. Mas você tem em mente que tem mulher e criança, mulher grávida e idoso aqui dentro, o que a gente faz aqui, não é bagunça, então se você quiser tudo bem, mas um de nós vai acompanhar você, pra você estar batendo sua geral, mas bagunçar eu creio que é uma coisa que você não pode fazer, se você tiver família, com certeza o senhor vai entender. Ele pegou, guardou a arma, subiu, a gente conversou, entramos num acordo e eles falaram, se você ver ele, você avisa pra gente, pegou, deu o cartão pra gente e foram embora. Resolveu uma situação, simples e fácil.

(Alan) a gente vai colocar nossas prioridades que é os acampados, as cozinhas e as portarias da ocupação, onde a gente dá mais atenção na situação, vamos lá (começa a caminhar).

(Alan) aqui a ocupação é cheia, aqui mora gente, mora uma família aqui, mora outra aqui, aqui é nossa cozinha central, aqui é nossa sala de reunião, aqui tem a companheira, essa companheira aqui tem 11 anos de movimento, tudo bom companheira, dá um alô aí. Ela tá aí, soma com nós na trilha. Aqui tem outra companheira, tudo no respeito, a gente desce.

Aqui é a região do banheiro, coisa simples, mas é o que a gente pode fazer. Ali também tem 2 barracos que o pessoal dorme, então a gente tem que ter atenção aqui, que a região do banheiro, a noite quando o pessoal vem fazer trilha a gente sempre pede pra eles fazerem um silêncio, aqui, pra não acordar o pessoal que eles trabalham.

(Alan) nossa fossa ecológica, temos tudo bonitinho. agora a gente vai descer na trilha e vamos estar indo na cozinha do G1, é o primeiro ponto quando a gente desce aqui. Só tem cuidado com o chão porque ele está escorregando, viu? Esse é um dos nossos pontos, que a gente observa, os acampados que vem fazer trilha com nós eles não podem vir com a lanterna ligada porque se tiver alguém lá embaixo, aqui quando é a noite, é um breu. Se tiver alguém escondido ali, a pessoa vai ver que a gente está aqui, então o que a gente faz, a gente vem nessa janelinha, já está escuro, dá uma ligadinha de um dois segundos no máximo pra ver se tem gente aqui dormindo ou fazendo alguma coisa de estranho.

(Alan) essa é a cozinha do G1, ali tá nossa portaria. Cuidado. Esse daqui é o portão de baixo, esse é o outro ponto que nós temos que ter atenção. Esse portão aqui, vocês podem ver que tem um muro baixo, então qualquer pessoa pode vir ali, um esforço a mais que eles fizerem, eles pulam. Então a gente pode ver, tem uma corrente ali do lado de dentro, tem uma corrente, a gente tranca, tem chave, fica nossa chave aqui. A gente abre o portão quando é depois da assembleia ou no dia que não tem assembleia a gente fecha mais cedo e deixa trancado, lacrado pra ninguém entrar e ficamos de olho.

(Alan) depois daqui a gente já vem, dá uma enrolada dentro dos barracos também, mas a gente vai fazer uma coisa limpa aqui. essa aqui já é a cozinha do G2, a gente vem aqui também com os acampados, tem uma porta aqui com corrente, sempre. Trancado, sempre. Só quando os coordenadores ou o pessoal que é responsável pela cozinha, vem aqui, faz a comida deles, faz o café, vem aqui, abre e pronto. Vamos lá.

(Alan) Agora a gente vai descer lá no portão de baixo, ele foi lacrado tem uns 4 meses, 4 a 5 meses já, porque não tem necessidade da gente deixar ele aberto, a gente teve muita reclamação dos moradores daqui que o pessoal subia aqui pra cima pra fumar crack, pra usar droga, fumar maconha, usar lança perfume. Então tem aquela mureta lá embaixo, a gente dá uma verificada nessa lateral aqui, a gente usa lanterna. Tem um buraco aqui, o pessoal tem gente que chegou a se esconder aqui, hoje não mais. Que eles já sabem que a gente vem aqui e faz trilha e impede deles estarem entrando aqui.

(Alan) esse daqui é a mureta que foi lacrada por nós, antes disso daqui era aberto, um corredorzinho que o pessoal até mesmo pra vir pra assembleia, subia aqui, aí teve uns tempos de chuva, a chuva foi tão intensa que subiu o barro, pode ver que já tá nivelado, tem um senhor que mora ali, aquele senhor é cabeçudo, a gente ofereceu luta pra ele, mas ele quer tá ali, eu sempre venho na madrugada, falo com ele, se alguém subiu, alguém entrou, porque ele observa também e nós acabamos usando ele como uma ferramenta, isso é bom né. Tá tranquilo? Mesma pergunta de sempre. Tem alguém estranho aí? (Não) Ah lá, é isso que a gente sempre escuta. Lá na cozinha do G3 agora, aqui é assim, é mais fácil a gente fazer amizade do que inimidade. Se ele quer estar aqui é uma coisa dele. Companheiro entra na luta, você está aí todo dia, então entra. Vem com nós, Depois vai rolar um apartamento aí, conforme sua luta for avançando, você não vai precisar mais disso. Conversamos, entramos num diálogo com ele, mas ele não quer, ele quer tá ali, então a gente tenta pelo menos.

(Alan) Todo esses barracos a gente entra pra cá, passa por dentro, entra, rasga roupa se molha, se suja, mas tudo isso a gente faz pelos próprios acampados, pra não ter bagunça aqui, pra manter o nosso equilíbrio, tem muita gente que vê o pessoal de ocupação, até eu mesmo. Antes de entrar do MTST eu achava que era um bando de vagabundo e depois eu comecei a conviver com o pessoal e vi que são pessoas que precisam, muita gente não tem nada e precisa disso daqui. Então é assim, depois que bate no sangue já era, não tem como você abandonar, não tem como. Vem doações, vem tudo. Desde um grão de arroz até um telhado, até uma corrente pra tá ajudando os companheiros tá lacrando o seu barraco.

(Alan) Vem pessoal de fora também pra ajudar a fazer a fossa, nossa fossa ecológica, não sei se já viram como funciona, uma coisa bem bonita. Companheira é morada ali também, ela acende a luz. Vamo até olhar no celular, exatamente ela pega e acende a luz pra não ficar no breu. Tudo bom companheira? Então as pessoas acham que é desorganizado, mas é completamente ao contrário. Todo mundo tem sua tarefa, a gente faz reunião com os próprios acampados pra gente estar assumindo uma tarefa pra fazer, porque aqui ninguém come e dorme. Tem que ter algum tipo de ajuda, desde um café, uma pipoca a noite pra trilha, um almoço, uma janta, todo mundo tá aí pra ajudar e não existe uma pessoa que não quer fazer nada aqui, é uma coisa padrão de todas as ocupações.

(Alan) agora a gente tá entrando na área do G3, essa é nossa coordenadora. Tudo bom, companheira? Aqui é um dos nossos pontos também que a gente observa, a gente vem aqui, da uma verificada na corrente porque não pode deixar aberta. Esse aqui é meu cachorro, não é Scooby, vamos comigo. Vamos passar na cozinha do G5, a gente dá uma observada também, aqui embaixo tem uma área livre, antes era...Ali tem uma visão melhor. Antes era barraco, mas tem muita gente também não se preocupa, que não tá nem aí acha que é fazer o cadastro e esperar até o dia que levantar a ocupação, não é assim.

(Alan) as pessoas tem que estar se ajudando aqui e fazendo sua parte e a partir do momento que isso não acontece, sobra esse espaço daqui, não sei que vocês quiserem dar uma olhada, aqui era tudo barraco nessa parte de baixo, a gente pega e mesmo tira pra não ficar lona acumulada, tira as garrafas e sobe lá pra cima pra não juntar foco de dengue, porque isso é uma coisa que é horrível, né. Tá destruindo o Brasil também é a dengue. Reforma d previdência e a dengue tá destruindo com o Brasil. Olha aqui, tem uma visão perfeita. Pode ver que os mato tá tudo juntado em bolinho. Entendeu? A gente capina a grama, fazemos tudo aqui. essa área vaga também. A noite isso daqui não dá pra enxergar nada.

(Alan) A gente dá uma parada aqui, faz uma fila e todo mundo fica prestando pra ver se tem algum movimento, se tiver temos nosso cachorro também que avisa, se tiver alguém perto, sente cheiro. Ele é bravo, vem pra cá Scooby. Pode ter alguém ali também, escondido. Tem uma escadinha aqui. (tá escuro) Tá, ainda bem que tem algumas luzes que ajudam a gente aqui. Outro motivo também que a gente não usa lanterna a noite, porque se fica ligando nossa visão ela expande e com a luz apagada a gente consegue enxergar tudo, pode estar o breu que for, a gente consegue enxergar nossa visão consegue se adaptar, querendo ou não. Vamos lá, tem outra cozinha aqui que é do G4, banheiro. Banheiro masculino, feminino, tem uns barraquinhos aqui, quando dá a gente abre as portas, dá uma olhada na lona, isso aqui a noite ninguém sabe quem tá aqui dentro. A gente dá uma olhadinha em silêncio e aqui é outra cozinha do G4 também que é o que a gente finaliza sempre. Quase sempre a gente tá vindo pro aqui ou a cozinha do G5, mas como fica um pessoal aqui em volta da fogueira, a cozinha do G5 fica bem na cara

do gol, então se tiver alguém que esteja fazendo alguma coisa, a gente consegue ver, os próprios acampados eles veem.

(Alan) uma hora dessa já tem madeira aqui, todo dia que você vir te mmadeira acumulada ali e quando dá nossa horário, 23:45 vem um companheiro e acende a fogueira. Até ela acender é o tempo de começar nossa reunião, quando a gente acaba a reunião a fogueira tá acesa, o café tá pronto, estamos preparados, entendeu. E é isso pessoal, bem-vinda à nossa ocupação.

(imagens das ruas feitas dentro do carro)

(acampados reunidos)

(todos) fé na luta, venceremos.

(Deb) Quem são vocês?

(todos) Coordenadores

(Deb) Não entendi.

(todos) Coordenadores

(Deb) mais uma vez.

(todos) Coordenadores. Oooo, coordenador eu sou, linha de frente eu sou e ninguém vai me segurar, nem a PM. Coordenador eu sou, linha de frente eu sou e ninguém vai me segurar, nem o governo.coordenador eu sou, linha de frente eu sou e ninguém vai me segurar, nem o despejo.

(todos) MTST. A luta é pra valer.

(Michel) Boa noite, companheirada. Gente, vamos fazer nossa reunião aqui, atrasado. Gente, vamos fazer um esforço pra chegar mais na hora, porque se a gente atrasar não conta com uma reunião de sábado, que a gente quer garantir duas horas pra que a gente possa fazer várias elementos. Hoje eu ia trabalhar a formação, já não vai trabalhar pelo atraso. Então, acho que tem que ter mais comprometimento com o horário aí. Vamos lá, quem vai, ah fazer relatoria. Eu tava esperando a Regiane chegasse pra fazer relatoria porque ela tem experiência de ONG e ainda não tinha feito. Então a relatoria da coordenação, Re. Beleza?

(Michel) Livre e espontânea pressão. Vamos lá, companheirada. Tem como pedir pra parar com as batida de martelo, no momento da nossa reunião Companheirada, vamos lá. Regiane, vamos colocar os pontos de pauta aí. Hoje a greve e o ato de ontem. O Carlos dá pra dar uma parada aí enquanto a gente faz a reunião. Obrigado.

(Michel) o encontrão das comissões, gente, a gente via ter o encontrão de todas as ocupações, ai acho que tem um ponto aqui que dá pra colocar como um ponto só juntando os dois, que é as rifas e a feijoada. E aí só tem uns pontos aqui, não é

ponto de pauta, mas uma mistura de pedido com informe, né. Rapidinho, antes que a gente inicie os pontos. Alguém tem no seu G uma lona grossa, porque a gente precisa do teto do palco, em algum G de vocês tem lona, dá pra descolar?

(mulher) Tem uma lona de uma acampado, tá na barraca dela, mas ela quer jogar pra ficar bonitinho, acho desnecessário, mas...

(mulher) A gente pode conversar com ela...Acho que ela não vem hoje, Michel. A nenê dela não tá muito bem.

(Michel) A gente fala com ela e anuncia em assembleia o pedido só pra ter lá.

(mulher) Eu ganhei uma pra por no meu barraco também, se precisar...

(Michel) Amanhã vai ter o mutirão e pra dar continuidade você traz? Lona pra trazer Meire e ver com a Helena uma alternativa. Uma pergunta rápida, Karina com os novos nomes que te deram que o Fabinho pegou documentação, ficou quantos números de mães?

(Karina) Desculpa, mas eu não contei, deve ter uma 32 mais ou menos.

(Michel) Então, qual o encaminhamento, eu vou hoje pegar um áudio pra Naíde pra você e a Naíde estarem indo lá protocolar na Diretoria Regional de Ensino, vocês duas juntas e aí uma vez que vocês protocolaram a gente manda um áudio pra mães, dizendo que vamos aguardar um tempo pra ver a diretoria regional de ensino nos atende, se não nos atender, nós vamos fazer um ato lá. Então, já tá encaminhado isso daí.

(Michel) Vamos pros pontas de pauta então, gente. NA verdade, eu acho que a questão da greve geral de ontem, só dar uma introduçãozinha aqui. Eu acho que pra gente socializar um pouco a experiência da nossa luta de ontem e fazer uma avaliação entre nós do resultado dela e de como ela foi, o andamento. Que a companheira teve ,as impressões. Só retomando, nossa luta foi parte de todas as ações da greve geral, a responsabilidade sob a qual nós estávamos era fazer um trancaço na Estrada de Itapecerica, nós escolhemos que o trancaço da estrada fosse ali no metrô Capão.

(Michel) Como acontecem em outros locais, a polícia de SP já estava com uma orientação de não deixar acontecer estes trancaços, então haveria a possibilidade de haver o trancaço e da polícia vir e mete bala. E foi o que aconteceu, a polícia nem conversou, chegou lá e meteu bala. Antes que começasse a pegar fogo, deu 10 minutos eles já chegaram, mandaram até bombeiro pra apagar o que queimou. Se a gente tivesse simplesmente se dispersado e ido embora, a gente teria capitulado, aceitado aquela situação de repressão deles, mas a gente evidentemente, isso foi importante.

(Michel) apesar da companheirada nossa ter sido primeira luta dos acampados nossos com trancaço e queima de pneu, a maioria deles continuaram lá, a gente se reorganizou, se reagrupou e fizemos uma decisão de manter a resistência. E caminhar pela estrada de Itapecerica e a partir de um contato com o sindicalista que tava lá encontrar o pessoal do hospital lá, então nessa marcha, a repressão deles

saiu pela culatra. Se eles não tivessem feito repressão, nós íamos queimar pneu uns 30, 40 min, vitória e vamos embora pra casa. O fato deles terem oprimidos a gente se reorganizou e fez uma marcha, travou a estrada por umas duas horas, encontramos o pessoal de sindicato, de lá marchamos até o terminal João Dias, entramos no terminal que tava totalmente parado como parte da greve. Uma coisa simbólica, os trabalhadores pararam o terminal de ônibus e o trabalhador sem teto entra no terminal de ônibus e conclui uma assembleia dentro do terminal, uma assembleia bonita, filmada pelo pessoal do Mídia Ninja. Ou seja, o resultado da nossa resistência foi uma vitória. Nós vencemos a polícia. E todas as ações, foi a ação que houve resistência e permanência da ação após isso. E isso foi uma ação muito positiva da nossa ação.

(Michel) um outro elemento, teve perspectiva a greve geral, estima-se que paralisaram sua atividade em torno de 35 milhões de trabalhadores, então foi uma greve expressiva em nível nacional e foi muito positiva. Nós precisamos agora avaliar como isso vai repercutir no Congresso e nos encaminhamentos que eles vão estar dando na próxima semana, sobretudo a primeira votação da Reforma da Previdência. Onde houve um problema na nossa luta. Nós tivemos em Itaquera, 7 companheiros presos, coordenadores presos e que foram, a polícia tentou tipificar eles em organização criminosa, formação de quadrilha.

(Michel) O que aconteceu, liberaram uma parte sem uma razão concreta, alguns foram liberados e ficaram mantidos 3 que estão presos até agora. O que a gente recebeu de notícia hoje do advogado Ramon que tá acompanhando a situação é que foi tirada a acusação de organização criminosa, mas eles foram mantidos presos sob alegação de estarem jogando fogo na via. Então, uma vitória da nossa mobilização foi reverter essa tipificação de ação criminosa porque evidente que criminoso é esse estado que tá arrancando os nossos direitos e essa corja de ratazana lá em Brasília. Corruptos, com relação fisiológicas com as elites oligárquicas desse país e tão acabando com os nossos direitos e tudo envolvido em corrupção do pé a cabeça. Criminosos são eles e não o povo lutando pelos seus direitos dentro do que é assegurado, que é o direito de greve, de paralisação e tudo. Mas ainda nós temos que tirar, os companheiros continuam presos, 3 presos e isso foi o que teve de mais problemático com relação a ação de ontem.

Um outro elemento que teve também a polícia entrou sem ordem de entrada no sindicato dos bancários em SP, uma violação constitucional clara, eles não tinham nenhuma ordem pra entrar lá dentro, entraram por conta do papel que o sindicato cumpriu no papel de mobilização e construção da greve geral, ou seja, teve algumas ações de ilegalidade que mostra o estado que a gente tá de violação dos direitos que a gente tenha assegurado de manifestação. Isso foi avaliação, mas foi positiva a greve, vamos ver o resultado daqui pra frente. acho que é isso. Deb, você quer colocar alguma coisa referente a isso?

(Deb) Você já falou tudo, só quero parabenizar a galera, vocês, foi de grande resistência. A galera que acompanhou a norte, outras ações desse tipo, que houve bomba, houve confronto, o que é bonito é ver a resistência de cada um de vocês, que isso vem do dia a dia. E o que precisa ficar claro é que isso vai ter outras vezes, a gente tá vendo que os caras não quer recuar, só quer ferrar a gente. E a gente vai pra cima, precisa ir pra cima deles, isso vai ver com muito mais frequência. A gente precisa ir com muita calma, sabe lidar, saber se defender, mas saber se atacar também. A gente pode conversar outra vez sobre isso, acho que agora não é o

momento, ma a gente precisa ter a ciência que a polícia não tá pra brincadeira, tá pronta pra bater em nós. Então a gente precisa ir sabendo disso. Uma salva de palma pra vocês (aplausos) Foi lindo de verdade. Não deu pra eu ter ido, a gente ficou lá na BR, a gente travou meia hora, mas a polícia chegou em 20 minutos, a gente conseguiu segurar mais 10 minutos. Depois a gente foi embora, foi super calmo e tranquilo e não teve problema nenhum.

(Michel) Vamos abrir agora, quem faz inscrição (eu faço) Tá atendo aí? Então vamos. Dois minutos tá bom, gente? Você controla o tempo?

(Deb) Vamos fechar em 2, mas se alongar um pouco a gente deixa até os 3, mas a gente vai pedir pra respeitar o tempo pra todos falarem, porque a gente já começou atrasado.

(Michel) Vamos lá Biel, quem é o primeiro? (É o Josimar)

(Josimar) Boa noite novamente a todos. Ontem, sobre o ato, foi interessante demais e bonito de ver que quando a gente começou a passeata, a saída do terminal, a gente tava ocupando as 3 faixas e a a polícia veio e pediu que liberasse uma faixa. E foi liberado uma faixa, a gente foi caminhando. E depois lá na frente eles queriam que liberasse mais uma faixa, e a galera não deixou, o pessoal deu as mãos. A presença do pessoal do Cursinho do Mais, aquela galera (Tinha o pessoal do Mais e do Rua). Ajudou bastante e depois, na volta eu marquei a quilometragem, deu 4 kms e meio daqui lá e a galera foi de boa e o interessante, é o que tá acontecendo sempre.

o Que fez essa mobilização, que o ministro não se idas quantas disse que foi um fracasso, que não foi como pretendia e que a greve geral não existiu. Beleza, então porque o jornal dito mais importante do país gastou cerca de 56% falando da greve, uma greve que não teve importância e os caras ficaram lá, minutos e minutos falando, eu ficava mudando de canal e eles falando todas a greves, todas as cidades, os estados. A quantidade de fechamentos que teve aqui em SP, manifestação de diversos movimentos e união do povo oprimido de diversas formas, de professores, então foi interessante e contraditório do sem vergonha do nosso prefeito aqui na nossa cidade que chama a gente de vagabundo, é triste.

(Fábio) Boa noite pessoal, dando continuidade ao que o Josimar falou, houve mesmo por parte da mídia, a gente ficou acompanhando no rádio e o tempo inteiro, todas as informações que eles passavam era desmistificando a ideia da greve geral e jogando com números que você vê que era absurdo. A Deb que tava na Régis, eles disseram que tinha mais pneu do que manifestante e a gente.

(Deb) Posso pegar só um ganchinho, a gente viu que eles filmaram no fim, quando não tinham mais ninguém. E na TV só passou a parte que tinha o pneu mesmo, os caras muito filhos da mãe.

(Fabio) Aí você vê que é manipulação descarada, inclusive a gente riu pra caramba por conta disso, a gente acompanha de perto e sabe a realidade dos números. E assim um outro saldo, que deu pra perceber , de extremamente positivo é que apesar de toda essa pressão, bomba, tira, acredito que pras muitas pessoas foram a primeira vez mas ao término você ia conversar com acampados e via que tava todo

mundo numa satisfação extrema. Uns falam, pô quase tomei um tiro, mas maior felicidade porque atingimos o objetivo. A Karina passou na frente do bar e o pessoal numa euforia danada, comemorando, então eu achei bacana, parabéns pra nós. Isso aí.

(Karina) Sobre a ação. Eu vi 2 pontos, um positivo, um negativo e acho que é sempre bom a gente construir e procurando melhorar. A gente marcou o ponto pra gente voltou então muitos acampados que a gente encontrava tavam subindo pra Elaine e a marcha manteve pela estrada de itapecerica, então eles não sabiam. Acabou que essa informação ficou ruim, porque sea gente combinou voltar a e gente mudou, quem correu, ainda mais não conseguia achar a gente. Quando começou aquele vucu vucu, a polícia vindo pra cima, muitos entraram pra dentro da favela e tinha uma senhora caída no chão eu fui levantar e ela: ai minha perna. E eu puxando ela pelo braço e ela ai meu braço. Aí quando ouço só o barulho da bomba, que explodiu próximo a outra acampada que tava no chão também.

(Karina) Socorre a velhinha, pega a mulher ,corre pra dentro da favela, ai lembro falando que o vinagre era bom pro cheiro, aí os moradores ajudando, colocando a gente pra dentro das casas, demos uma volta, qdo saímos na rua de novo, vem um caminhão, quando olha assim, corre, voltamos pra favela. O pessoal dispersando, eu volta de novo pra Elaine, demo a volta pra dentro da mata. Quando ligam, seu Raimundo tomou um tiro. aí voltamos. Então assim, vi muitos acampados um ajudando os outros, uns com medo, outros reclamando, outros muito contentes. E no final comemoramos. Então dois pontos, parabéns pra todos os acampados, um que tava machucado seguiu até o final, mas também o ponto negativo da gente não ter a comunicação, subiu a marcha e o pessoal esperando a gente.

(mulher) O que tenho pra falar a maioria já falou. Que foi lindo de bonito o ato de ontem e pelo que vi na TV, foi muito diferente, lá do Largo da Batata. Lá eu vi muita destruição, banco destruído e o nosso foi só atacar mesmo as polícia que atacaram nós. Em compensação no Largo foi tudo destruído, isso que achei errado. Se for pra fazer ato assim, melhor não fazer. Isso que eu pense.

(mulher2) Pra mim foi o primeiro ato que teve queima de pneus, meu filho pediu pra ir junto, eu falei vamos, tem que aprender a luta não é só minha. O que to conquistando pra vocês mesmo, vocês tem que ir junto pra ver o que vou passar pra sua conquista e pra ele foi uma diversão. Ele achou o máximo, eu fiquei meio amedrontada, mas na hora das bombas eu pedi pro Augusto tirar os idosos, tava caindo muito idoso, aí eu voltava pra ver se tinha mais alguém machucado, chegou uma hora que o policial veio pra cima de mim com bomba e eu corri. Realmente o que ficou muito difícil, pq eu tirei os idoso e pessoal que queria continuar com a gente pra muito longe.

(mulher2) Então, encontramos a Karina e eu falei vai pra Elaine que tá todo mundo lá. Chegamos e não tinha ninguém. Ai liguei "Augusto você tá onde?" A gente tá indo pro Campo Limpo. Aí o pessoal queria ir, eu falei, a gente segue atrás. Aí nos foi fazendo a pé a caminhada atrás. Aí encontramos uma jornalista do Midia Ninja ou um desses, ai eles conversaram comigo, aí falei nem vou mostrar seu rosto. Aí falei pode mostrar, estamos lutando pelo futuro dos meus filhos, então o dia de amanhã é que vai ser. Então conseguimos alcançar o pessoal, a gente deu uma corrida, tem uma idosinha que ficou um tempão na Paulista com vocês . Fiquei muito feliz mesmo e dá próxima vez, to dentro.

(Nildo) O que vocês todos falaram é tudo isso que a gente viu, que vocês colocaram, mas o que tá mais bonito é a união de todos nós. Coordenação toda unida, presente, todo mundo num propósito só. A Karina, coitada, corre pra lá, corre pra cá. Depois chega todo mundo unido de verdade. Então, o Capão Redondo, essa equipe tá motivando os acampados a tudo isso que a gente viu. O que a gente não tinha de experiência, a gente vai passando essa confiança pra eles, então essa união da coordenação, esse elo de companheirismo, esse trabalho todo faz com que a gente fica forte, lá na rua.

(Nildo) Quando eu sai naquela que o caminhão tava passando com os policiais pendurados, fiquei com o pessoal pra fazer as fotos, ficou eu e a Karina com esse trabalho e a gente queria dar umas fotos e não dava. Tava muito na cara, aí voltar todo mundo pro ponto, procurando seus acampados e companheiros, isso foi muito bom. Outra coisa é que o pessoal da mídia no Brasil, tudo que eles falavam era desqualificando o que a gente fez, trabalhador de verdade não tem. Mas lá fora, eu tava vendo, alguns sites, o pessoal falando totalmente ao contrário. Todo mundo falando a favor. Então o que eles procuram mostrar aqui, a mídia lá fora mostra o contrário, qualificando de uma forma muito bonita. E assim é a maior greve que o Brasil já teve, a maior acho que foi 15 milhões e nós já tamos contabilizando 30 milhões.

(rapaz) Boa noite, eu tava presente de manhã e eu tenho uma crítica construtiva e também o lado bom, a crítica é quando a gente chegou lá, 5 horas já tinha muita gente no Capão, como esse povo conseguiu chegar lá. Carro passando pra cima e pra baixo, os carros acelerando contando do tempo, antes da gente chegar. Eu acho que devia ter sido um pouco mais cedo, pra já fechar tudo porque com o tempo que a gente ia ter dava pra fazer uma chama mais alta porque ali a gente teve muito pouco tempo. Fez em torno das 6 horas, 05h40 a gente fechou com as bolachas e com o refrigerante.

(rapaz)E menos de 20 minutos a polícia já chegou, a gente ainda tentou trancar outra via, mas assim que a gente fechou, já chegou uma Pálio e o povo já dispersou e foi na hora que começou aquela cena feia, a gente correndo pra cima, os policiais correndo pra baixo sem querer saber se era adulto, mulher, jovem, criança, só atacando. uma cena lamentável de ver, mas saber que nosso povo é guerreiro e mesmo diante dos policiais o nosso povo não se intimidou. Somos sem medo, quero o fim da polícia militar e cantando em marcha, daquele jeito. E fizemos uma assembleia dentro do terminal. Dá hora demais.

(Alan) Pessoal boa noite. Eu quero agradecer porque ontem foi lindo pra todos. Aquela cena dos pneus queimando não vai sair da mente tão cedo. A gente fez um trabalho legal, a hora que os policiais entraram no meio do caminhão, eu vi a Karina correndo no meio dos becos, a Márcia, foi épico. Só que a gente entrava, subia a estrada de Itapeverica, voltada de novo, vinha de todos os cantos. A gente pegava um beco, fazia a volta e concentramos e fizemos a marcha que foi uma coisa linda também, nos reunimos ali no terminal João Dias, fizemos a reunião. Aquilo ali foi lindo demais. Eu só teno a agradecer a todos pela equipe, fomos sincronizados, começamos às 06h40 da manhã, deu tudo certo.

(Alan) Eu acho que não precisaria da opressão dos policiais em tacar bomba, dar tiro, eu vi os policiais mirando em senhora, era uma opressão imensa. Eu creio que não precisaria disso mexe no bolso deles, não foi uma atitude legal da parte ,a gente só tava querendo fazer nossa paralisação, seria bom se eles acompanhassem a gente também, não com essa opressão imensa. Acho que isso foi uma coisa injusta.

Mas enfim eu só tenho que agradecer nossa equipe, nosso movimento, fazer como planejamos e tudo dá certo, eu só tenho a agradecer a equipe inteira.

(Michel) Vou fazer uma fala desses pontos, mas a gente ainda tem tempo pra voltar. É o seguinte, essa coisa da mídia brasileira, ela é extremamente concentrada na mão de poucos e anti povo mesmo. Tenta jogar o povo contra o povo e criminalizar a todo o momento que o povo se organiza e se levanta na luta pelo seus direitos. E isso já é bastante debatido mesmo, a própria imprensa, grande imprensa que também é com vários problemas e de concentração de fora do país, essa mesma grande imprensa se surpreende com o grau de construção parcial e posição elitista anti povo que a imprensa brasileira tem. As grandes mídias, os grandes jornais brasileiros. E isso tem um histórico assim, a gente nunca discutiu isso aqui.

(Michel) Mas essa imprensa parte dela sobretudo a Globo, cresceu nas costas da ditadura militar, deu base de construção pra ditadura militar, base ideológica, são o que são hoje porque estiveram sempre ao lado de todo regime militar, tamanho o grau de canalhice dessa imprensa que eu vou contar só uma história rápida aqui. A Folha de SP, ela emprestava os seus caminhões, furgões, kombis de distribuição do jornal, emprestava como disfarce pra perseguição da resistência durante a ditadura e pro assassinato de lutadores, que faziam a resistência armada. Eles emprestavam o carros pra fazer isso, pra vocês verem o nível como comprometida esta imprensa está.

(Michel) Fiquei muito feliz de ouvir a felicidade dos acampados de entenderem o papel, feliz por essa força coletiva, pela resistência, ouvi uma frase curtinha de uma acampada, num dos grupos. Eu to feliz porque com o MTST eu aprendi a protestar. É uma frase curta que diz tudo. Então, ou seja, a companheira percebeu a força coletiva, de organização, reivindicação e capacidade enfrentamento na luta por direito que o movimento do trabalhadores tem. Ela aprendeu que ela coletivamente, essa vida do MTST, essa experiência que a gente constrói em coletivo, como fortalece. E hoje no alto dos seus 80 anos ela sabe porque que luta e como luta. Acho que esse é um ponto. O Karina, a questão do mudar o lugar...

(Michel) A nossa decisão de fazer a marcha não foi uma decisão prévia, ela foi uma decisão em face da situação concreta de luta que a gente tava enfrentando. A gente sofreu uma repressão forte, nós poderíamos simplesmente se juntar e falar vamos voltar ou nós poderíamos tomar uma decisão de resistência. E a decisão foi pela resistência. Isso você tem que mudar estratégia prévias, algo que se tinha definido, então foi isso. Algo que nesse momento tem uma dificuldade de conseguir entre todos ter um nível de comunicação, porque nesse momento é difícil que as pessoas vão olhar no celular. Mas mostrou que a gente tava articulado, as pessoas que subiram pra cima, a coordenação foi lá e fez o papel de trazer esse povo de novo. O único meio de você transmitir uma orientação nova a partir das circunstâncias é juntando o povo e fazendo uma assembleia e tirando o encaminhamento que foi o que a gente fez lá. Foi uma decisão colocada pela circunstância.

(Karina) É uma crítica construtiva. Acho que poderia ter uma pessoa lá no Elaine porque os acampados já iriam pra lá. E essa pessoa dizer ó tá seguindo pra baixo. Isso porque a gente conseguiu se encontrar. Eu vi a Meire e falei a gente vai por aqui, você vai por baixo, a gente via juntando todo mundo. Ela conseguiu chegar lá e avisar as pessoas. Mas se tivesse uma pessoa já lá, os acampados que subissem, era só falar, olhar é só subir aqui, que o pessoal tá seguindo. Acho que é só isso que a gente podia pensar assim, na próxima vez, eu sei que a gente que pensar rápido, mas na próxima vez que tiver ,a gente marcar um ponto e resolver mudar, tirar uma pessoa que ela suba e fica naquele ponto, onde os acampados vão procurar.

(Michel) Isso é uma coisa legal, você tirar uma pessoa porque se precisar ter uma reorganização a partir de uma decisão concreta, essa pessoa já tem o encaminhamento. O que achei muito bizarro, a polícia fez perseguição.

(mulher) A Márcia tem um vídeo, não sei se vocês já viram. Ela fez o vídeo do percurso todo. Foi até o beco, até o fim da favela, correndo e segurando o telefone e o povo gravando.

(Michel)) Esses vídeos a gente tem que estar armazenando pra gente pensar a construção de um documentários sobre a ocupação. Fazer o nosso e aí, só terminar a fala, já tem inscrição da Márcia. As ações aqui em Itapeçerica tem um problema com relação a polícia, o que é. A polícia tem o batalhão dela na própria estrada, então sempre ela vai chegar muito rápida. Pras próximas nós temos que tentar ser mais rápido ainda na nossa ação de trancamento ,de colocar as coisas e chegar porque a polícia chega muito rápido. E por alguma coisa vazou e eles já tavam disfarçado, mais descrição. A gente precisa estar mais veloz, mas dado a conjuntura a gente conseguiu realizar a ação.

(Michel) Teve locais que a polícia chegou antes da ação ser realizada, dificultou mais ainda. Agora só pra concluir, um ponto polêmico dentro do movimento. E do povo. Que é questão do quebra quebra quando acontece em atos. Bom, nós, a questão é o seguinte. Quem tá quebrando e destruindo nesse momento é a classe política brasileira e a burguesia. A maior destruição que tá acontecendo é o que eles querem implementar nos direitos dos trabalhadores. Isso é que é destruição.

(Michel) A destruição que eles querem fazer é o direito dos trabalhadores, da previdência. A violência, a destruição é a polícia vir e ser cão de guarda das elites pra bater no povo. A polícia na periferia não tá aqui pra cuidar da gente, a gente sabe disso. Ela tá aqui como força ocupante, ela é uma força militar que ocupa o território dos trabalhadores, pra controlar e reprimir os trabalhadores. A violência forte tá diante deles, a nossa violência quando ocorre, já dizia o Glauber Rocha, a violência é a manifestação mais nobre da fome. O trabalhador quando é violento é uma resposta contra a violência que é praticada sistematicamente, diariamente contra nós.

(Michel) Nós do MTST quando nós realizamos ações radicalizadas, a gente realiza com planejamento prévio e estratégia prévia, a gente já vai com uma ação e intencionalidade de realizar alguma coisa. Quando a gente foi na FIESP, que é o principal órgão de organização política que dirige a burguesia brasileira, ela cumpre um papel pra destruição dos nossos direitos histórico, e pra consolidação de um estado e exceção e repressão, históricos. Na ditadura foi assim, no golpe foi assim. Quando nós fomos lá e metemos o rojão e quebramos tudo aquilo, aquilo é um cisco perto da força que eles fazem contra a gente.

(Michel) Ontem, quebraram foi pouco. Ontem, pela violência que eles tiveram quando a gente foi até a casa do Temer, tinha que ter virado carro. Agora, o povo, porque nós não vamos radicalizar se o povo não tá com essa disposição. Depois vocês cortam isso aí. Se aumentar a radicalização e respostas do povo, nós vamos dar respostas radicalizadas também. Os bancos são os maiores devedores do estado brasileiro, eles não pagam os impostos que deveriam voltar como contribuição. Essas dívidas imensas dos bancos são perdoadas e além de tudo isso, esses bancos ganham muito dinheiro.

(Michel) E durante o governo do PT, se esbanjaram de tanto ganhar dinheiro. Esses bancos são os que expropriam a riqueza produzida pelos trabalhadores e quem quer

implementar a privatização da previdência no Brasil, são os bancos. Porque eles querem que seja privada, quem faz os planos de previdência são os bancos. Então ontem, quebrar umas fachadas de banco, foi simbólico, o povo putou e saiu quebrando esses bancos mesmo. Nós temos que ver, a imprensa coloca qualquer ação de violência do trabalhador errada e às vezes quando o trabalhador vê, chama de vandalismo. Agora nós temos que entender da onde saiu a violência, ela é uma resposta ao quê e ela aconteceu porque.

(Michel) Eu acho que é tudo isso. Futuramente vai ter mais ações que a gente precisa radicalizar. Por exemplo, se a gente for pra Brasília, quer ocupar Brasília, pra ocupar o congresso nós vai ter que sair no pau. Então, a gente tem que ter claro quanto a isso. A gente não fez uma ação, não foi a gente que quebrou a FIESP?

(Deb) A gente não faz porque não é nossa linha, mas se precisar fazer a gente faz.

(Michel) Era povo que tava na manifestação. Tem lá os famosos black blocs mas não foi só eles. Eu vi lá gente velha, que tava lá tomando repressão e tava quebrando o que via pela frente. Então nós temos que pensar tudo isso, se nós fomos pra um ato e a linha não é quebrar, nós não vamos quebrar, porque nós temos uma condução clara. Mas se a gente for pro ato com a estratégia de fazer uma ação radicalizada a gente vai ter que fazer. Só deixando isso claro. Ontem nós não tínhamos, mas na FIESP a gente fez, soltou rojão dentro. Então, gente, vamos lá.

(Regiane) Então gente foi muito positiva, as pessoas aderiram o que aconteceu, mas teve gente que achou que era um ato como se fosse da Paulista, que não ia ter correria quebra quebra. Inclusive até minha filha tava perto daquele beco e quando começou a atirar, passou debaixo das pernas, um no ouvido e ela foi parar no MC Donalds. E ela passou mal e me ligaram, sua filha tá lá desesperada. E eu corri pra buscar, ela falou que olhou e viu esse caminhão, e não sabia o que fazer. Só que ela tava com celular e teve atitude de me ligar. Só que teve muito acampado que tava sem dinheiro, foi a pé, não sabia o que fazer, voltou e depois ficaram chamaram a gente no privado. Então, o ponto negativo é a gente ter essa comunicação, se por acaso acontecer, a gente ter alguém pra voltar, pra poder buscar essas pessoas.

(Regiane) inclusive eles tão questionando, poxa eu tava lá. Teve gente que passou mal, voltou pra casa e a presença foi no Terminal João Dias. Mas foi bom, foi positivo, em Pinheiros também teve quebra quebra, diz que foi muito bonito, eu não pude estar presente lá, mas diz que foi muito bacana, inclusive eu vi foto nossa também, de outros companheiros que se juntaram a gente e eu to esperando a próxima.

(Michel) A gente vai fechar a inscrição agora. Quem quiser colocar mais alguma coisa, na fala da Márcia a gente fecha.

(Márcia) Eu queria dar os parabéns pra vocês, pra todos nós. Foi bonito, foi emocionante, foi uma adrenalina, a primeira que eu tive eu gostei, foi legal o negócio. Hoje eu tava com as pernas que não conseguia levantar. Vim hoje pensando 10 vezes, não conseguia descer essa escada, mas no momento que eu gravei, fiquei gravando porque o Rafael tava do lado e fiquei com medo os caras meter o porrete nele porque ele ficou lá enfrentando. E nisso que eu fiquei gravando eles apontaram pra mim, aquela ali. E quando eu vi eles vindo eu tive que picar mula né gente. Eu corri, corri, a gente entrou na viela e eu só corre pessoal, a gente vai apanhar. Nós

demos a volta, voltamos de novo, mas foi legal, emocionante. E é assim que a gente tem que fazer, pra lutar a gente tem consequência pra alcançar o que a gente quer, mas parabéns pra todos nós.

(Karina) Michel, só mais uma coisa, a gente tá falando da ação daqui, meu medo maior na hora que a gente tava se juntando com o pessoal era deles vir pela estrada de Itapecerica e muitos ficaram bem no final. E eles fizeram o contrário e viram pela lateral, com certeza eles já tavam esperando a gente. Ma por eles não vir sentido do batalhão da 47, eles tinham informação porque a Carlos Caldeira não tinha ninguém, a padaria Elaine sempre tem policial e eles não tavam lá e do nada eles apareceram na lateral e já chegaram tirando os pneus. Eles tavam tirando o que não tavam pegando e eles tirando e já veio, até bati uma foto, na hora que ele tirou veio outro e já começa dando tiro.

(Karina) E esse negócio do caminhão, foi muita safadeza, porque quando acaba a favela vem um muro de muro e vai seguindo sentido Capão e depois tem a igreja. E quando eles chegaram próximo a gente, eles só pegaram do fim da favela seguindo, porque eles sabiam que não tinha pra onde correr. Tem o córrego no meio e eles já vieram ali. Foi a parte mais difícil. Eles entraram dentro da mata,tava eu, o Fernando e mais um acampado. Eles entraram dentro da mata atrás da gente e eu morrendo de cansaço, uma sede danada, eu parei a mulher e disse pelo amor de deus, quase ajoelhando, me dá um pouco da sua água, quando ela me deu água que eu olho, eles tavam atrás de mim, então pernas pra que te quero. Eles tavam realmente querendo pegar a gente de qualquer jeito, não tinha como.

Os idosos apavoradores e os moradores pegando as pedras e tacando em cima deles, veio uma bomba que encostou numa pé, o Fernando tacou de volta pra eles. Todo mundo pegando as pedras, por ser a primeira ação deles, eles tão de parabéns demais, do jeito que tava podia ser muito pior.

(Nildo) Eu só queria fazer um adendo. Essa dificuldade tem sempre aqui, porque do Metrô até aqui é o pedaço mais vigiado pela Polícia Militar. Primeiro tem o batalhão, a delegacia, depois tem um condomínio que é só policial que mora, então eles ficam aqui nesse pedacinho e protegem isso aqui, sabe. Direitinho e um pedacinho aqui da Luis de Oliveira, isso é casa deles. E aqui tem um condomínio que é só PM que mora, então você imagina. Essa estrada eles acompanham porque teve caso de 3 ou 4 policiais que foram mortos e eles protegem, então a gente sempre vai ter essa dificuldade.

(Michel) Vamo lá pro próximo ponto. Acho que tem duas coisas. Vamo primeiro o encontrão...

(Deb) Então, gente, vai ser um dia de formação pra todas as comissões. Vai ser um encontrão geral de toda as ocupações, mas só as comissões de todas juntas. Vai ser no dia 6, o dia inteiro, sábado já se programem pra vocês irem vai ser de extrema importância a participação de todos. A gente sabe a dificuldade de alguns porque trabalham no sábado, mas vê se dá pra trocar folga ou alguma coisa do tipo pra vocês poderem ir. Nós do Capão ficamos responsável pelo almoço, só pra não desanimarem , a Palestina e o Embu ficou responsável pelo café da manhã, a Anastácia e Esperança Vermelha pelo café da tarde e a gente pelo almoço. E a proposta seria a gente fazer uma fala na assembleia pra ver se eles autorizam a

gente levar as comida de algumas cozinhas daqui., vamos ver em cada cozinha, a que tá melhor, o que pode pegar, o que não pode pra gente poder levar pra lá pra fazer isso.

(Deb)Vai ser mais ou menos pra 100 pessoas. Só pra gente saber, sei que a Daniele está. Quem ainda não entrou pra nenhuma comissão aqui? Márcia, a Ana, o Augusto já entrou? A Vânia...E aí a gente tem a Daniele e a Camila...não a Camila entrou. A proposta seria que essas pessoas ajudassem a fazer a comida. Não sei se vocês podem no dia. Vania ficou de confirmar. Ana Paula você pode ir no dia? Márcia? (Posso) Falta a Dani e a gente fala com ela depois.

Você vai no dia Patrícia, pode ficar nessa tarefa também? Então, ficou a Márcia, a Ana, Vânia pra confirmar, a Dani não tá aqui e a Patrícia. A gente começa às 09h, vai ser o café. E a gente começa às 10h e até lá a gente se organiza melhor e na próxima assembleia a gente fala. Mas é bom vocês já fazerem uma avaliação de cada cozinha do G1 até o G9 até pra gente ter uma base, se faltar alguma coisa a gente precisa comprar.

(rapaz) Vai ser que horas?

(Deb) Das 09h até umas 19h mais ou menos.

(Deb) Sendo que às 09h vai ter o café, então estourando até às 10h. A gente vai ter bastante coisa, mas a gente fechou o teto entre 18h, 19h, tá bom?

(Michel) Agora a gente abre inscrição pra umas perguntas rápidas e eu me inscrevi só pra poder falar um ponto. Nós, as comissões tão funcionando muito bem no Capão então é obrigação nossa como militantes, estarmos presentes, nós temos que tá lá. Vai ser formação, a gente vai melhorar, aprimorar nosso processo organizativo.

(Deb) É de extrema importância a participação de todos, então por isso a gente tá avisando agora.

(Michel)) Acho que é isso, vamos estar presente e forte lá. E não vamos fazer gororoba lá hein.

(rapaz) É bom estar indo pra esse encontrão de formação, porque às vezes a gente tem muitas dúvidas entre nós e não consegue saciar. É bom que a gente não precisa nem perguntar, eles mesmos começam a falar, explicar direitinho e é bom que é um aprendizado bom, pra quem conhecer mais.

(Deb) E só reforçando, se tiverem dúvidas, vamo perguntar sempre. Não leve dúvida pra casa que isso é ruim pra nós todos.

(Josimar) Essa tarefa que a gente escolheu, teve uma oportunidade e a gente levantou a mão e disse e quero ser coordenador. É tarefa de louco, porque a gente se doa mais, se estressa mais, corre mais, faz mais pra poder ganhar o mesmo que o acampado que só vem e pá. Então, é complicado, é. Difícil, é. Mas só pra falar dessa loucura que é escolher ser coordenador e puxando a sardinha pro encontrão. O encontrão é uma maravilha, é uma vez por mês, mas a gente encontra os coordenadores de todas as ocupações. Troca ideia e vc vê a pessoa não

cumprimenta, mas semana que vem já cumprimenta. E vc troca experiência com gente que tá há 3, 4 anos e nós só temos 6 meses.

(Josimar) Nesse último encontrão agora, teve uma oportunidade maravilhosa, que teve lá na frente de Michel, Guilherme, Natália e Josué um ensaio de como tocar a assembleia. Então é muito interessante as pessoas se prontificando a irem lá na frente e fazerem uma parte da assembleia. Então quem puder fazer um esforço pra poder ir é só aprender. Como essa acampada falou, aos 80 anos ela aprendeu o que é protestar, nós também não sabíamos e eu sei que não sou o único que aprendeu depois que entrou. Que há 6 meses não sabia de quase nada e hoje eu consigo enxergar que to aprendendo um pouquinho, isso é muito bom. Então quem puder fazer um esforço, questão financeira, de trabalho, ou tempo é interessante. E aí o que rolou um pouquinho chato é que falaram, pô mas cadê o pessoal do Capão. Tava em pouca gente. A gente se destaca em muita coisa, a ocupação do Capão tá destacando em muita coisa, mas aí nesse último, as pessoas comentaram, cadê o pessoal do Capão. Tudo bem que a sala era pequena e não tinha muita cadeira vazia, então deu pra dar um migué, mas não é pra gente ir pras pessoas não comentar, mas pra gente poder ir e aprender crescer como brasileiro. Que nem no caso dos bancos, o governo perdoou 20 milhões dos bancos, aquelas agências quebradinhas, não vai nem 20 mil.

(Deb) Só reforçando o que o Josimar falou, esse não vai aquele nosso encontrão de sempre. Vai ser mesmo de formação de todas as comissões de todas as ocupações. Só um dia, se faltar perde. vai ter outro só sei lá deus quando porque a gente sabe que nossa vida é corrida e cheia de tarefa então a gente precisa se mobilizar. Se tiverem problema de condução fala com a gente a gente arruma carro, vê o que faz. O Michel vai ter 20 e pode emprestar 10. A gente sabe que a maioria tá desempregado, então a gente precisa se ajudar. E consciência de cada um pra ver o que pode ajudar e o que não pode. Aí a gente articula isso com Celso, né? Já vai se ajeitando aí, arruma a perua. Marcaram aí, dia 6, 9 horas no Casarão. Sai daqui umas 08h.

(Josimar) Tem coordenadores que não vieram hoje. A gente do próprio G avisar outros coordenadores. A gente poderia marcar a saída daqui, ver os carros disponíveis. Nildo passou maior aperto pra gente poder chegar lá a primeira vez. Se a gente puder marcar aqui....

(conversam sobre a logística de transporte)

(Michel) Tá fechado, podemos dar continuidade. Vamos lá pra questão da feijoada e da rifa. É o seguinte. Hoje, na assembleia, nós vamos anunciar a feijoada do ia 13 e a gente já tá com os panfletos. Não é muito, acho que é uns 300 pra feijoada. Nós vamos distribuir entre nós aqui, sobretudo pessoas que moram no mutirão, pra panfletar no mutirão pras pessoa comprarem antecipadamente pra gente ter o dinheiro pra fazer a feijoada.

Hoje nós vamos anunciar e vamos tirar uma pessoa pra após a assembleia estar vendendo as fichinhas, pegando o nome da pessoa, telefone. Importante, quem é bom de venda. Então a Valquíria por livre e espontânea pressão, indicação do coletivo, coletivo tá sempre acima do indivíduo.

(Val) Você tem que falar da rifa, que as pessoas estão cobrando muito. No nosso G2 a gente ganhou 2 ovos de páscoa e tem uma companheira que vai ajudar a fazer uma cesta pro G2, ela doou um ovo e eu doei outro e ela vai ajudar fazer uma cesta pra gente doar. Eu aconselho os outros Gs a fazer a mesma coisa.

(Michel) Quando o companheiro fala todo mundo tem que ouvir. A pior prática de coletivo é eu só ouço aquele que supostamente é autoridade que eu tenho que ouvir. E quando o outro que não é eu posso conversar um com outro. Essa é prática do mundo capitalista, não é prática nossa. Então todo companheiro que falar, a gente tem que ouvir.

(Val) Eu indico cada G doar um ovo, pode ser um simbólico, uma caixa, o que for pra gente poder doar, porque a gente não conseguiu arrecadação dos ovos, então cada um que puder doar um ovo pra gente finalizar logo essa rifa.

(Michel) Primeiro ponto da feijoada é isso, a companheira vende hoje. Então tem a gente entra na questão da rifa que o pessoal da autossustentação vai dar o informe sobre a questão que a gente tirou o encaminhamento, a gente só precisa definir a data, eu já proponho que seja no dia 13.

(Deb) Eu acho que dia 13 tá muito longe, a gente precisa ver em cada G como foi as vendas, se falta muito, aí a gente já abrir e o máximo que podia ficar é pra próxima semana, quarta, aí a gente já abria na assembleia, via os nomes pra fazer o sorteio e se faltasse alguém, aí a gente fazia só com aquele nome das pessoas.

(Karina) A gente tem o retorno de 180 reais das rifas, dua pra cada G. Então é muito pouco, porque cada rifa tem 25 nomes, por 5 reais, gente não tá dando retorno. Precisa da colaboração dos coordenadores pra vender, tem cartela que voltou com um nome só e esses dias que ficou parado, foi deixado uns no salão, as pessoas que vem entregar documentação no barraco da tia a gente tá oferecendo, mas precisa de um pouco mais de colaboração.

(Karina) quem tá com as rifas ainda, forçar, quem não tiver puder pegar pra ajudar ou ajudar o outro companheiro que tá com a cartela, a gente precisa do retorno dela pra saber quanto tem, quanto falta. porque eles tão pressioando e querendo saber a intenção seria trazer um retorno pra gente, que tem reunião na terça-feira pra ver se na quarta a gente já consegue abrir.

(Michel) Gente, um esforço esse final de semana pra vender essa rifa. Segunda feira tem que ter o retorno.

(Karina) Tem muitas coordenadores que tão com a cartelinha. O que a tia Maria passou foi 180 reais, mas as cartelas estão incompletas. Acho que tem 2 completas. Tem coordenador que tá com a cartela ainda e tá com o dinheiro, não tem problema. A gente tá pedindo pra dar um retorno pra gente e as cartelas que tão incompletas, a colaboração pra poder vender. E terça traz pra gente poder juntar tudo e ver.

(Michel) abriu inscrição.

(Karina) Até terça-feira, se puder trazer amanhã, segunda...

(Michel) Vamos se inscrever gente.

(Val) Eu vendi 190 e deixei o dinheiro na minha casa e por isso que to fazendo essa cobrança a rifa porque o G2 tá cobrando de mim e só não vendi no G2, como já tinha anunciado, eu saí vendendo em todo o meio e eu to ficando até sem graça porque o pessoal fala lá vem ela com a rifa de novo. E quando vai ser aberta? Já to ficando com vergonha, mas aí eu trago minha parte.

(Josimar) Apoiando o que a Val falou. Essa rifa, se tivesse condição da gente abrir essa rifa hoje seria bom, por que? Foi uma rifa temática, Páscoa. passou a Páscoa, vamo aceitar o fracasso, faça a rifa, entrega os ovos, tchau. Todo mundo caminha ,acabou o BO e vamos jogando essa páscoa pra casa do Páscoa. Vamos jogar esse negócio e vender a feijoada. Você tem uma parada da páscoa de 5 reais e depois já vem de novo. e a Val vai ficar com essa cara. Vai abrir, pegar lá em cima na cozinha, se não pegou amanhã a gente pega, resolve e pronto. E vamos partir pra outro, não teve sucesso a rifa, a gente assume e parte pra outra, vamo na feijoada.

(mulher) No momento da rima, mas se os companheiro quiser eu posso comprar o chocolate, eu me prontifico estar aí pra comprar o material. Comprando 3 kg de chocolate faz 9 ovos simbólicos porque ele fazendo ele caseiro, sai mais em conta, a gente entrega num dia só. E aí é decisão de vocês.

(Michel) Tem quantos inscritos? Tem tempo.

(homem) Boa noite companheiros, referente a Páscoa já passou, estão esperando abrir as rifas, muitos tão vindo perguntando pra mim também, a gente tava no intuito de ir no mercado pedir doações, nós pedimos e não teve Êxito eu fui em 2 mercados, eles ficaram de dar o retorno pra mim e como já passou a Páscoa é possível a gente conseguir. Referente a rifa a gente tá fazendo o possível pra vender, conseguindo convencer o pessoal. Às vezes vai do incentivo que a gente dá pra pessoa, a forma da confiança, muitas vezes é desconfiado. Falar pro pessoal e é desconfiado, se vai abrir a rifa, acho que a gente consegue essa meta sim, das doações, mas entre nós aqui na união a gente consegue, muita coisa a gente já conseguiu, construir tudo isso aqui, então a gente tendo força, 'é a união que traz. Então peço pra todos aqui, nesse intuito e pensamento positivo. Quarta-feira a gente abrir essa rifa e ter um resultado bom e reconhecimento de todos nossos acampados aí.

(Deb) Alguém trouxe a rifa hoje? Só o japa? Aí já tá o erro né gente? Pô gente, na assembleia se a rifa não tá aqui, aí não vai vender mesmo; A responsabilidade é de todos. Enfim, a questão é que segunda-feira é feriado, não vai ter reunião de coordenação, só se a gente juntar isso tudo na terça pra abrir na quarta, mas aí a gente não vai vender mais nada. E precisa fazer igual o Josi aceitar o que aconteceu e abrir assim mesmo e aí precisa pensar nessa questão. Como a Meire já se propôs a fazer o ovo, a cesta já tem, a companheira do G1 doou uma cesta linda maravilhoso, então o que é bom também é isso, a Páscoa já passou, a dor de barriga já passou. Eu tenho ovo até hoje lá em casa. Aí a gente podia fazer isso na reunião de grupo, terça-feira, só que aí na segunda não vai ter.

(Michel) Tem mais alguém pra falar?

(pão) Boa noite, todos e todas. Eu consegui pro dia 13 vai vir um pessoal tocar pagode aí, forró, no dia da feijoada vai ser bom. O povo só não vai comer a feijoada como vai dançar a vontade aí.

(Michel) A gente vai fazer uma reunião, o pessoal do Mais do cursinho vai somar com a gente, vamos marcar ainda uma reunião. Vamos dar o encaminhamento, Karina, rapidinho.

(Karina) Os ovos simbólicos era 2 por Gs, então a gente precisa retornar pra ver quantas rifas vai abrir pra tirar um ovo. A ideia da Cris foi legal, um ovo custa 7 reais, se cada um pudesse doar um ovo desse seria legal. E pra abrir ela, pegar tudo junta e abrir, é bom, porém cada cartela dá um nome, então a gente precisa pelo menos vender a metade. Sei que eles tão cobrando, mas foi um erro nosso, mas tentar agora na feijoada não errada. A gente entregou a carta, duas por G pra coordenação ajudar a pessoa e acabou voltando elas em branco, com um e tudo e é ruim, esse tempo todo que a gente tá aguardando, a gente podia estar vendendo e não é só aqui, pode vender pra fora. Tanto que a tia Maria vendeu a dela pra fora. Acho que é isso.

(Michel) O encaminhamento é o seguinte. Primeiro, tarefa dado é tarefa cumprida a gente assumiu que vai ter um simbólico por cada rifa e não cumprimos. Que nós temos que fazer, é quarta-feira a gente vai cortar as pessoas que deu o nome, pega aquela rifa, se numa tem 5 nomes a gente vai cortar os 5 nomes, meter tudo dentro de um saco e vai sacudir e tirar um nome e esse nome vai ser da cesta final. Ponto. Quarta-feira assim, até lá nós podemos continuar vendendo. Já anuncia isso pro povo e continuar vendendo. E é isso, não precisa nem reforçar o que ela falou em dia de assembleia nós tinha que estar com isso, nós temos que garantir a nossa auto-sustentação.

(Michel) Esse é o ponto, a gente só na quarta anuncia a feijoada, vai atrasar um pouco, mas hoje anunciar a feijoada sem abrir a outra vai ser muito ruim, vai dar problema, então a gente vai anunciar hoje que finalmente quarta-feira a gente vai abrir. É esse o encaminhamento. E aí segunda-feira, é primeiro de maio, como nós vamos entrar com a questão do primeiro maio, vamos transferir a reunião de grupo pra terça-feira, a gente já anuncia hoje em assembleia, tá? E amanhã tem mutirão, dá pra vir aqui e vender gente. Pro povo, beleza?

(Michel) Vamos lá gente, primeiro de maio é o Dia Internacional dos Trabalhadores, hoje se não tivesse tido atraso a gente ia montar uma apresentação com o vídeo sobre o 1 de maio só pra fazer a formação política, pra gente ter uma discussão. A gente vai sem isso, mas é nossa data importante dos trabalhadores, um uma história do porque surgiu, nessa história foi a luta, greve geral, EUA, século 19, 7 trabalhadores presos, 3 enforcados e foi a partir disso que surgiu o 1 de maio.

(Michel) Historicamente o movimento de modo geral mobilizava sua base pra compor o primeiro de maio na sé ou na Paulista. Esse ano já teve a greve geral agora, muito peso de mobilização, uma semana da outra, o que tá tirado. A gente tá convocando junto com ou outros movimentos sindicais, na Paulista, à 1 hora da tarde a concentração, só pra coordenação. Segunda-feira. Até o presente momento sendo no Masp, caso a gente decida, a gente ainda não se definiu se vai concentrar antes pra ir até..a gente informa.

(Michel) Depois eu vou passar esse videozinho que é muito legal pra gente fazer esse debate formativo sobre as origens do primeiro de maio, tudo bem gente? Fechadíssimo? Então vamos lá pra pauta que a gente vai apresentar na Assembleia hoje pro povo. Nós vamos fazer, lá no 7. Fazer uma fala sobre a greve geral e nosso

papel, nossa luta que teve aqui, parabenizando o povo pela participação, tudo que a gente discutiu aqui a partir da impressão. Vocês que são os espelhos dos acampados e termômetros da nossa ocupação, a gente vai fazer uma fala sobre isso, abrir com isso.

(Michel) Depois, mutirão de amanhã nos dois horários. Nos seus Gs e pediu pra que um pessoal venha pra ajudar no término do palco. (Só reforça na mutirão os dois horários) Palco e encanação. Gente, outro ponto é abertura da rifa na quarta-feira. O quarto ponto...Greve geral, mutirão, rifa, quarta-feira é isso gente? Nós vamos falar sobre o primeiro de maio, mas falando que não tem exigência, vai quem quer de boa, falar um pouco da importância, mas não vai ter convocação da ocupação do Capão. Beleza, gente? Quem vai coordenar essa assembleia hoje?

(Michel) Josimar ou Karina. Karina tá afim de coordenar e uma fala vai pro Josimar então. Eu vou falar da ideia da greve parabenizando pela luta. A Karina coordena a assembleia. Depois o Josimar entra com o mutirão e a rifa e a Deb com o primeiro de maio. Fechou gente?

(todos cantando) Aqui está o povo sem medo, sem medo de lutar. Aqui está o povo sem medo, sem medo de lutar.

(Michel) É isso aí, vamos lá que a gente que fazer uma caminhadinha pro G7, tá arrumado lá

(cantam)

(se despedem)

(cantam parabéns)

(Nice) Eu quero agradecer cada um de vocês que hoje fazem parte da minha vida, porque alguns familiares vai e vem e vida é pra sempre, toda eternidade. Amo todo vocês, não vejo minha vida sem vocês e vamos lá. Fé na luta, venceremos!